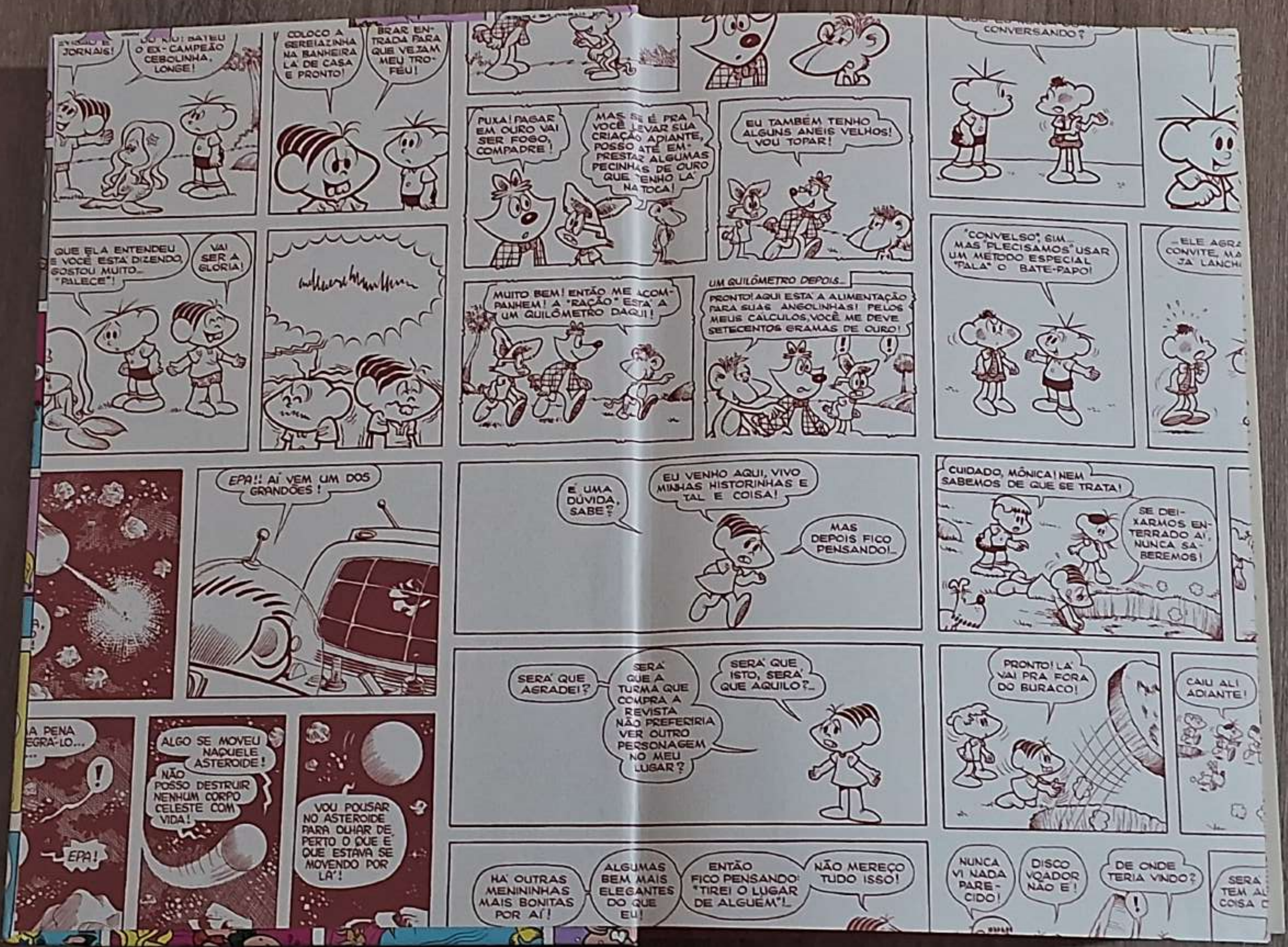
Biblioteca Mauricio de Sousa
Mônica
1971
MAURICIO
MAURICIO DE SOUSA EDITORA
PANINI COMICS
VOCÊS?!
DEIXE COMIGO!
PARECE QUE NÃO FAZ MUITO BEM AO MEU AMIGUINHO!



JORNAIS!
O EX-CAMPEÃO CEBOLINHA, LONGE!
COLOCO A SEREIAZINHA NA BANHEIRA LÁ DE CASA E PRONTO!
TRADA PARA QUE VEJAM MEU TROFÉU!
PUXA! PAGAR EM OURO VAI SER FOGO, COMPADRE!
MAS SE É PRA VOCÊ LEVAR SUA CRIAÇÃO ADIANTE, POSSO ATÉ EMPRESTAR ALGUMAS PECINHAS DE OURO QUE TENHO LÁ NA TOCA!
EU TAMBÉM TENHO ALGUNS ANÉIS VELHOS! VOU TOPAR!
CONVERSANDO?
QUE ELA ENTENDEU E VOCÊ ESTÁ DIZENDO, GOSTOU MUITO... "PALECE"!
VAI SER A GLÓRIA!
MUITO BEM! ENTÃO ME ACOMPANHEM! A "RAÇÃO" ESTÁ A UM QUILÔMETRO DAQUI!
UM QUILÔMETRO DEPOIS...
PRONTO! AQUI ESTÁ A ALIMENTAÇÃO PARA SUAS ANGOLINHAS! PELOS MEUS CÁLCULOS, VOCÊ ME DEVE SETECENTOS GRAMAS DE OURO!
"CONVELSO", SIM... MAS "PLECISAMOS" USAR UM MÉTODO ESPECIAL "PALA" O BATE-PAPO!
EPA!! AÍ VEM UM DOS GRANDÕES!
É UMA DÚVIDA, SABE?
EU VENHO AQUI, VIVO MINHAS HISTORINHAS E TAL E COISA!
MAS DEPOIS FICO PENSANDO!...
CUIDADO, MÔNICA! NEM SABEMOS DE QUE SE TRATA!
SE DEIXARMOS ENTERRADO AÍ, NUNCA SABEREMOS!
ALGO SE MOVEU NAQUELE ASTERÓIDE!
NÃO POSSO DESTRUIR NENHUM CORPO CELESTE COM VIDA!
VOU POUSAR NO ASTERÓIDE PARA OLHAR DE PERTO O QUE É QUE ESTAVA SE MOVENDO POR LÁ!
EPA!
SERÁ QUE AGRADEI?
SERÁ QUE A TURMA QUE COMPRA A REVISTA NÃO PREFERIRIA VER OUTRO PERSONAGEM NO MEU LUGAR?
SERÁ QUE ISTO, SERÁ QUE AQUILO?...
PRONTO! LÁ VAI PRA FORA DO BURACO!
CAIU ALI ADIANTE!
HÁ OUTRAS MENININHAS MAIS BONITAS POR AÍ!
ALGUMAS BEM MAIS ELEGANTES DO QUE EU!
ENTÃO FICO PENSANDO: "TIREI O LUGAR DE ALGUÉM"!
NÃO MEREÇO TUDO ISSO!
NUNCA VI NADA PARECIDO!
DISCO VOADOR NÃO É!
DE ONDE TERIA VINDO?

Biblioteca Mauricio de Sousa

Mônica

1971

Mauricio de Sousa Editora

Panini Comics

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Ana Lúcia Merege 4667/CRB-7)

Sousa, Mauricio de
Biblioteca Mauricio de Sousa : Mônica vol. 2 : 1971 / Mauricio de Sousa. – Barueri, SP : Panini Brasil, 2022.

ISBN 978-65-259-0329-3 (Capa dura)

1. Histórias em quadrinhos I. Título

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Histórias em quadrinhos 741.5

Mônica
VOL. 2 - 1971

Panini Comics

PANINI GROUP
CEO América Latina: Ivam Faria
Diretor de Publicação e Licenciamento: Marco M. Lupoi
PANINI BRASIL LTDA.
Diretora de Marketing e Editorial, Colecionáveis e Publicações: Martina Limoni
Diretor Administrativo e Financeiro: Fábio Trigo Martins
Diretor de Distribuição: Gilberto Finotto Gil
Gerente Editorial: Guilherme Kroll
EDITORIAL
Editor: Tiago P. Zanetic **Editora de Arte:** Juliana Caro
Auxiliar Administrativo: Bruna Tiemi Okubo
MARKETING, COMERCIAL, PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO
Analista de Marketing Sênior: Rafaela Febronio e Kely Cristina Araujo Leonel
Publicidade: comercial@panini.com.br
Assessoria de Imprensa: assessoriadeimprensa@panini.com.br
Coordenador de Inteligência Comercial: Rodrigo Felipe Lucizano
Gerente Industrial: Edson Aprijo de Farias
Gerente de Distribuição: Genésio Cruz Oliveira Jr.

Este livro foi impresso pela **SkyGraf**.
Distribuída em todo o país por **Panini Brasil Ltda.**

Biblioteca Mauricio de Sousa - Mônica vol. 2 - 1971 é uma publicação da Panini Brasil Ltda. **Administração, Redação e Publicidade:** Alameda Caiapós, 425 - Centro Empresarial Tamboré - CEP 06460-110 - Barueri - SP - Brasil. ©2022, 2025 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Produções Ltda., todos os direitos reservados - www.turmadamonica.com.br. Direitos desta edição no Brasil e em Portugal reservados à Panini Brasil Ltda. As histórias, personagens e nomes apresentados nesta revista, bem como suas distintas semelhanças, salvo quando indicado, são propriedades da Mauricio de Sousa Produções e publicados sob sua licença. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização dos editores.

MAURICIO DE SOUSA EDITORA

Estúdios Mauricio de Sousa
Presidente: Mauricio de Sousa
Diretoria: Alice K. Takeda, Fábio Junqueira, Marcos S. e S. Saraiva, Marina Takeda e Sousa Cameron, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa.

ESTÚDIO DE ARTE
Diretora Executiva: Alice K. Takeda.
Supervisão de Roteiros: Mauricio de Sousa, Marina Takeda e Sousa Cameron
Diretora de Conteúdo: Marina Takeda e Sousa Cameron
Diretor do Estúdio de Arte: Wagner Bonilla
Gerente de Conteúdo Editorial: Emerson Agune
Editor: Sidney Gusman
Editor de Arte: Mauro Souza
Coordenação de Conteúdo: Giulia Ebohon
Histórias criadas e produzidas nos Estúdios Mauricio de Sousa.
Produtor Gráfico: Vagner Furlan
Designer: Gerson Campos
Coordenação Administrativa do Estúdio: Cida Rabello.
Produção Editorial: Juliana Bojczuk
Coordenação de Arte-final: Juliana Mendes, Tatiana Monteiro.
Revisão de Textos: Daniela Gomes Furlan, Lina Furlan.
COMERCIAL
Diretoria de Licenciamento: Rodrigo Paiva
Coordenadora Comercial: Alexandra Paulista
Analista Comercial: Maria Vitorino
Jurídico: Alexandre Siqueira
Supervisão Geral: Mauricio de Sousa, Membro da Academia Paulista de Letras.
Instituto Mauricio de Sousa: instituto@institutomauriciodesousa.org.br
Estúdios Mauricio de Sousa:
www.turmadamonica.com.br
msp@turmadamonica.com.br
Rua Werner Von Siemens, 111
Prédio 19 - Espaço 1,
Lapa de Baixo - São Paulo - SP
05069-900 - Tel.: (11) 3613-5000
© 2022, 2025 Mauricio de Sousa Produções.
Todos os direitos reservados.

www.assinemonica.com.br
atendimento.turmadamonica@panini.com.br

FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C119624

Esta obra é uma ficção. Reiteramos que o objetivo desta não é o de promover a discriminação de qualquer classe e espécie. Mas, ocasionalmente, ela pode apresentar representações negativas e tratamentos inapropriados de pessoas ou culturas, coisas de outros tempos, felizmente abandonadas. Devido ao valor histórico deste material, todas as expressões usadas na época e retratadas aqui foram mantidas em respeito ao autor, levando-se em consideração o contexto da época. Inclusive como forma de aprender com essas situações, para não repeti-las. Por isso, nesses casos, adicionamos notas de rodapé sinalizando as situações problemáticas. Felizmente, o mundo evoluiu e erros assim não são mais cometidos nos materiais da **MSP**, que busca sempre por conteúdos cada vez mais repletos de diversidade e inclusão.

SUMÁRIO

Arqueologia mauriciana 8

Mônica #9 9

A sereia do rio 10

Raposão 20

Passatempo 23

O maior amigo do Cebolinha 24

Papa-Capim 28

O Astronauta 29

Horácio 36

Um quase monólogo! 37

O objeto misterioso 40

Desenhe... E divirta-se 44

Os homens de lava 45

A nostalgia do Anjinho 60

Passatempo 63

A taturana Filomena 64

Mônica #10 71

A mascarada 72

Piteco 85

Raposão 87

Toneco 90

Oi, Mônica 97

Divertimentos 99

O Astronauta 100

Diversões 112

Papa-Capim 113

Ah, doce mistério da vida 114

Papa-Capim 118

O casamento do Horácio 119

Bidu 131

Mônica #11 133

Os planetinhas 134

Diversões 147

Bidu 148

A pedra da honestidade 151

Vamos plantar bananeira? 159

A coroa do rei 162

Mônica 171

Roupa suja se lava em casa 172

O irmãozinho do Horácio 175

Diversões 188

O poste 189

Bidu 192

Mônica #12 193

C.B. - A nuvenzinha mau-caráter 194

A casa do Tarugo 204

Vamos brincar? 206

Cebolinha de castigo 207

O rapto dos cumpinchins 209

O coelho da Mônica 219
O diabinho 221
Piteco 225
Diversões 231
Moni x cão 232
Papa-Capim 238
Cascão 240
A paixão do Jotalhão 241
Bidu 253
Mônica #13 255
Um café com bolo às cinco na casa da Mônica 256
A salvação do Jotalhão 265
Piteco 272
Bidu 274
Quem quer pão? 275
Passatempo 278
Um carrinho com carinho 279
O futuro do Horácio 283
Bidu 294
Cebolinha 298
Toneco 299
Cascão contra a CISCA 303
Mônica 313
Mônica #14 315
Mônica não é mais aquela 316
Diversões 323
Cascão 324
Cebolinha 328
Horácio, o "ama-seca" 330
Mônica no zoológico 337
Passatempo 341
Piteco 342
Meu pé dormiu! 358
Astronauta 361
Bidu 373
Mônica #15 375
Os azuis 376
O Astronauta 389
O "cara-de-pau" 396
Um jantar com o Cascão 411
Vamos brincar? 414
Horácio e a árvore do ódio 415
O Cascão 431
Mônica #16 433
A estátua 434
Divertimento 449
Bidu 450
Cebolinha 452
Corta o cabelo dele! 453
Horácio 458
Ah, essa fada... 468
Passatempo 472
O Astronauta 473
Cebolinha 491

Mônica #17 ....
Meu reinado está chegando ao fim? 493
Passatempo 494
Mônica 505
Cebolinha 506
Tina 507
Piteco 510
Mônica e o menino perdido, mesmo 513
Bidu e Franjinha 514
Horácio 518
Monicascão 529
Raposão 531
Cebolinha 536
Vamos brincar 538
O Astronauta 539
Mônica 540
553
Mônica #18 555
A voz 556
Diversões 567
Horácio 568
Tina 570
Passatempo 572
Na subida do morro 573
Retrato falado 575
O deus sol 578
Diversões 589
Raposão 590
Cebolinha com amnésia 592
O menestrel 595
Cebolinha 609
Cebolinha 611
Mônica #19 613
Um anjinho de guarda 614
Passatempo 627
Horácio 628
Bidu e Franjinha 631
Monicanto 640
O Astronauta 643
Cebolinha 659
Papa-Capim 662
Vamos brincar? 664
Salto, alto! 665
Um negócio refrescante 670
671
Mônica #20 672
Uma história de Natal 680
Raposão 692
Passatempo 693
T.V. 697
O Astronauta 708
Divertimento 709
Chico Bento 711
O cão de pelúcia 726
Mônica 727
Arquivos do Mauricio ....

Arqueologia mauriciana

Quando decidimos lançar a *Biblioteca Mauricio de Sousa*, sabíamos que o desafio iria muito além de apenas republicar os gibis a partir de 1970. É uma delícia rever (ou conhecer, no caso de leitores mais jovens) histórias clássicas de Mônica, Cebolinha, Astronauta, Piteco, Horácio, Tina, Cascão, Magali, Turma da Mata, Papa-Capim e outros personagens? Com certeza, mas a diversão pode ficar mais completa se esse pacote vier acompanhado de informações e curiosidades da época.

E é aí que entra o trabalho árduo dos "arqueólogos" da **MSP**, como o Mauricio os definiu no prefácio do primeiro volume. E engana-se quem acha que eles são apenas os funcionários da empresa. A nossa equipe de pesquisa é formada pelos roteiristas Paulo Back e Flavio Teixeira de Jesus e por este editor. No entanto, somos muito auxiliados pelos fãs da Turminha.

Pra começar, vale contar que, apesar de a **MSP** ter um acervo incrível, muito da produção do Mauricio se perdeu nas idas e vindas para os jornais, nas décadas de 1960 e 1970. Então, a atualização de datas e imagens é um processo constante. E há materiais que só conseguimos graças ao apoio de colecionadores.

Alguns exemplos estão nesta página. Depois que lançamos o primeiro volume desta coleção, o fã Roberto Matos da Silva postou na internet quatro preciosidades que adquiriu em sebos paulistanos. E que não constavam do nosso acervo, mas seriam curiosidades ótimas para o livro de 1970. Pois como ele gentilmente nos mandou as imagens, decidimos dividi-las com você agora.

As duas acima foram publicadas como um anúncio frente e verso de *Mônica 4*, em *Pato Donald 978*, da Abril. Repare em alguns erros de colorização. Estas abaixo foram um pequeno encarte (27,5 x 8 cm, aberto) de propaganda de *Mônica 7*, que veio em *Mickey 217*. Na época, a editora usava seus então carros-chefes, os títulos da Disney, para divulgar as criações de Mauricio. Basta ver o foco em mostrar diversos personagens.

Então, o nosso muito obrigado ao Roberto e também à Hérida Salgado, que nos enviou as raríssimas páginas da revista *Copercotia* e várias imagens da *Folhinha*. Esta coleção foi criada para ser um presente de fãs para fãs, e essa interação só deixa o trabalho mais valioso. Afinal, esses pequenos tesouros carregam muita, mas muita História. E ajudam a contar os passos de como a *Turma da Mônica* construiu seu legado.

Agora, prepare-se para conhecer mais alguns capítulos do começo dessa jornada e conferir como os personagens de Mauricio de Sousa foram se modificando com o tempo. O embarque rumo ao ano de 1971 está autorizado. Boa viagem!

Sidney Gusman

Arquivos do Mauricio

Por Paulo Back e Sidney Gusman

Nesta seção, a cada volume da *Biblioteca Mauricio de Sousa*, apresentaremos dezenas de curiosidades e informações sobre as histórias e os personagens. Prepare-se para descobrir verdadeiras preciosidades. Edição a edição.

Mônica # 9 (janeiro de 1971)

Pela primeira vez, a capa trazia uma arte exclusiva alusiva só à história de abertura – e com tons aquarelados com transição de cores. Anos depois, isso seria uma prática comum nos gibis da Turma.

A sereia do rio é um clássico dos quadrinhos. Escrita e desenhada por Mauricio de Sousa, mais tarde inspirou outra obra-prima da animação. Mônica e Cebolinha fazem o papel de "vilões". Embora suas atitudes carreguem certa inocência, é difícil não relacioná-las com a destruição, a exploração e a degradação da natureza pelo homem moderno.

A ideia era provocar no leitor uma reação de solidariedade à jovem sereia. E funciona, pois seu grito parece até sair das páginas. O final é antológico e traz uma bela uma lição de moral, não só para Mônica e Cebolinha, mas para todos nós.

Apesar de a sereia ter a pele amarela, por um erro, em algumas páginas ela foi colorida como a da Mônica e do Cebolinha.

28 - A SEREIA DO RIO

A sereiazinha levaria anos para reaparecer. Até que, em 1979, ela ganhou uma figurinha no álbum *A Turma da Mônica*, da Editora Abril, com visual e cores novas.

Nos quadrinhos, surgiram outras sereias bastante parecidas. Em 1984, uma se apaixonou pelo Cascão em *O mistério do Cascão*, na 59ª edição da revista dele na Abril. Depois, mais duas: em *Mônica, a sereia*, de 1997, e *Um desencanto de sereia*, de 1999, ambas pela Globo, respectivamente em *Mônica* 125 e *Magali* 274.

A história original também foi adaptada para um curta-metragem, cuja intenção era exibi-lo na TV Globo. Mas só em 1987 o desenho virou parte de *A sereia do rio*, o quarto longa animado dos estúdios de Mauricio de Sousa.

O filme, lançado nos cinemas em 7 de fevereiro daquele ano, com direção geral de Mauricio de Sousa e cenas ao vivo dirigidas por Walter Hugo Khouri, foi exibido nos festivais de Gramado/RS e de Brasília/DF.

O longa compila quatro histórias curtas. Além da sereia, tem *A gruta do diabo*, *O jacaré de estimação* e *O tocador de sinos*. A produção teve a cantora Tetê Espíndola contracenando com os personagens entre um desenho e outro, em imagens externas gravadas na pousada do Rio Quente, em Goiás.

Na época, foi criada uma extensa campanha de divulgação nos gibis da *Turma da Mônica*, em forma de reportagens e textos com curiosidades.

O filme também foi lançado em VHS, pela Videolar, e mais tarde em DVD por outras empresas. Em algumas versões, a parte cinematográfica não é utilizada.

Além disso, uma história sobre os bastidores da gravação foi publicada em *Uma aventura cinematográfica* (*Mônica 5*, da Globo), em maio de 1987.

Por fim, no ano de 1994, a sereia estampou *Mônica no nascimento de Vênus*, paródia do famoso quadro do italiano Sandro Boticelli, na exposição de pinturas *História em Quadrões*, de Mauricio de Sousa.

Alguns personagens da Turma da Mata só aparecem às vezes. O Mico Lino é um deles. Nesta tira de 22 de maio de 1965, um "protótipo" dele, ainda sem ter o nome mencionado, sonha com alguma realização, caso fosse nomeado rei.

Em *O maior amigo do Cebolinha*, o famoso, enorme, porém desconhecido e misterioso, Garotão é apresentado à turma. Presença marcante nas tiras dos anos 1960 e 1970, a princípio era apenas um exagero ou até se pensava que fosse fruto da imaginação do troca-letras.

O personagem estreou – sem aparecer – em 30 de março de 1963, numa tira na *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*. Nesta época, era o Zé Luís que fazia dupla com Cebolinha. E por eles passou uma galeria de personagens atípicos, esquisitos, exagerados, cujas suas características eram a própria piada.

Integraram este time o Bernardão (um garoto que trazia má sorte), Leonardo (um pintor mirim xará de Da Vinci), Zé Palito (um menino tão magro, que de lado ninguém o via), Menino Prodígio (um bebê com uma cabeça enorme, cheia de cálculos e fórmulas), e Mingão (um sujeito de corpo esquisito, rodeado de pontos de interrogação).

Anjinho, Penadinho e outros personagens de Mauricio vieram dessa leva, mas permaneceram enquanto os outros foram desaparecendo aos poucos.

Mas o mais emblemático deles, sem dúvida, era o Garotão, também chamado de Meninão, que de tão grande era quase invisível. Cebolinha passava tiras descrevendo os feitos do tal amigo, mas, para o Zé Luís, ele não passava de um grande mistério, pois nunca o via.

Os únicos sinais da existência do Garotão eram buracos, crateras, pegadas e brinquedos gigantes largados em algum lugar. Assim, o mistério de sua aparência permanecia também para o público.

Com o tempo, não só Zé Luís deixou de "ver" o Garotão, mas milhares de leitores também. O visual do menino gigante segue desconhecido até hoje.

No entanto, a inspiração para sua criação foi bem real. "Na época, um colega de redação na *Folha* me sugeriu outro personagem. Como ele era bem robusto, virou o Garotão, que, de tão grande, não cabia nos quadrinhos. Ele vivia provocando situações e falando com o Cebolinha de fora dos quadros. Depois dessa passagem invisível pelas tiras, o Garotão virou o jornalista Carlos Brickmann, muito atuante até hoje", explica Mauricio de Sousa.

Em 1964, seu sucesso era tão grande que Mauricio e a *Folhinha de S.Paulo* fizeram um concurso entre os leitores para descobrir quem fazia o desenho mais próximo do Garotão. Dezenas de sugestões foram enviadas e até ganharam a capa e uma página dupla da edição 67 do suplemento infantil.

Três anos depois, Mauricio atiçou mais ainda a curiosidade dos leitores, quando provou que o Garotão era bem real, mostrando um pedacinho de sua sobrancelha e do seu cabelo.

No entanto, a época de ouro do Garotão estava terminando. As histórias começaram a não ser tão exageradas e um menino gigante andando pelo Limoeiro virou algo fantasioso demais.

Sua última participação numa tira foi em 15 de dezembro de 1972, na *Ilustrada*, quando Cebolinha recebe o seu convite de casamento. Depois, ele reapareceria na edição 47 da revista do troca-letras, na Globo, na história *A volta do amigão do Cebolinha*.

Como foi dito no volume anterior desta coleção, Papa-Capim e Cafuné surgiram na edição de estreia da *Folhinha*, em 8 de setembro de 1963. Suas histórias nos gibis eram republicações de materiais que saíram antes em jornais. Aliás, que tal este tabloide do *Diário Juvenil*, de Ribeirão Preto, no dia 10 de julho de 1966?

Originalmente, Mauricio idealizou a aldeia do Papa-Capim próxima ao litoral, ao sul da Bahia. Com o tempo, o universo dos indígenas foi se embrenhando em direção ao interior do Brasil, razão pela qual o mar deu lugar a um rio e a Mata Atlântica se transformou em floresta.

A história desta edição saiu primeiro nos jornais.

Nesta edição, o Astronauta abandona as aventuras de espionagem, ficção científica e guerra fria para visitar um mundo mais fantasioso e cartunesco. A história já havia sido publicada no suplemento infantil do *Diário de S. Paulo*, em 1964. O roteiro é o mesmo, mas o desenho foi totalmente refeito.

Com o tempo, Astronauta ganharia mais aventuras curtas e com temas simples (apesar de exóticos), mas as piadas a respeito de seu traje e de sua nave ficaram para sempre.

Impressionante como Mauricio, em apenas uma página do Horácio, conseguia transmitir tanta emoção – mesmo que o fantasminha, com certeza, pudesse render mais. Este é outro roteiro adaptado (a história original saiu na *Folhinha* em 30 de agosto de 1964), mas foi redesenhado no estilo dos anos 1970.

Mauricio utilizava fantasmas em suas histórias com frequência, com diversos personagens. Além do Horácio, que os encontraria muitas vezes, Jotalhão conversou com elefantes mortos, numa sequência de tiras de 1981. E o Piteco, em uma de suas primeiras aventuras, em maio de 1961, encontra uma assombração pré-histórica, que o ajuda a escapar de Thuga.

Quase um monólogo traz a Mônica batendo um papo com o leitor, num mix de monólogo com pastelão, com a participação especial do Cebolinha.

Mauricio voltaria a esse formato muitas vezes: um personagem em um quadrinho sem cenários conversando com você, que está lendo!

Aqui, você confere tabloides sobre essas divagações com o Cebolinha, na *Folhinha*, em 1964, e do Piteco, no ano seguinte, no *Diário de S. Paulo*.

Mas talvez o monólogo mais emblemático criado por Mauricio tenha sido o de *Só... no Natal*, publicado em *Mônica 188*, da Abril, em dezembro de 1985. Na história, um Papai Noel tristonho lamenta a perda crescente do verdadeiro espírito natalino. Pra fazer todo mundo pensar muito.

Os mais atentos descobriram rápido o que era *O objeto misterioso*, outra história do Mauricio com o já citado Garotão. Aliás, veja mais algumas tiras antigas dele com Cebolinha e Zé Luís.

A história *Os homens de lava* é, no mínimo, estranha. O início é pesado, com um grande mistério e alguns seres inexplicáveis. Com sua eterna fixação por cavernas escuras e tocas habitadas por bichos esquisitos, Mauricio leva o leitor a um reino enigmático.

O começo lembra as antigas sagas do Horácio e do Astronauta, mas, de repente, há uma guinada e o grafismo toma conta. Mamãe Lava mostra a cara, os monstrinhos ficam trapalhões e o menino malcriado Nequinho, campeão de cusparadas de Lem, aparece. Prova de que até o Piteco estava aberto a inovações.

Mauricio escreveu este roteiro em 1963, ano em que foi publicada sua primeira versão, a partir de 20 de abril, no *Diário da Noite*. Atente para o traço do Piteco na época.

Aliás, o Piteco vivia contracenando com seres subterrâneos. Teve os misteriosos seres de fogo, que moravam num vulcão, publicados neste segundo volume da *Biblioteca*; os homens-minhocas, que viviam sob as areias do deserto, numa série de tiras de 1966; e até os homens-vapor, que conheceram o Tio Glunc em 1964.

A história *A nostalgia do Anjinho* adapta uma série de tiras publicadas na *Ilustrada* em 1965, nas quais Anjinho vê suas asas crescerem com a ajuda do Cebolinha e de um preparado especial para fortalecer as penas.

A história que fecha esta edição é um tipo de "aulinha de Ciências", mas com aquele toque de exagero dos gibis.

A carismática Filomena virou borboleta e não mais apareceu. Mas o Cebolinha conversar com uma lagarta como se eles fossem velhos amigos foi o ponto alto.

E a curiosidade é que não foi a primeira vez que a tal espécie Lepidópteros Philomenus apareceu em uma história de Mauricio de

Sousa. Na verdade, antes de aprontar essa baita confusão nas páginas de *Mônica* 9, a taturana Filomena teve duas versões anteriores.

A primeira saiu em 1960, na revista do *Bidu* 3, da Editora Continental (republicada em *Coleção Histórica Mauricio*, da Panini, em 2015), com o Cebolinha bem cabeludo. E a outra surgiu quatro anos depois, numa série de tabloides que começou a ser publicada na *Folhinha*, em 7 de julho de1964, com o troca-letras já com seus tradicionais cinco fios de cabelo.

Mas, acredite, a história não termina aí. A lagartinha inclusive chegou a brilhar numa galeria de personagens de Mauricio de Sousa, publicada no rodapé das páginas de jornal dos anos 1960.

Originalmente, este número republicou a propaganda *A festinha da Mônica* (que seria repetida no mês seguinte), do suco de uva da Cica, com participação do Nico Demo de roupa azul, em vez da tradicional preta.

O primeiro grande contrato de Mauricio foi com a Cica. A piada que originou a parceria nasceu em uma tira na qual a Mônica puxava um elefante pela tromba. E ela ganharia variações, como a tira abaixo.

O sucesso do Jotalhão nas latas do extrato de tomate fez a Cica apostar em toda a Turminha. Logo, Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, Chico Bento e Nico Demo estavam em anúncios de sucos de uva, vinagres, marmeladas, maioneses e outros produtos.

Nico Demo não apenas protagonizava os comerciais de tevê, como até falava – o que não acontecia nas suas tiras. O personagem era bastante conhecido. Tanto que ganhou sua primeira e única versão em brinquedo pela Trol, uma miniatura de plástico junto ao restante da Turminha. Hoje, esses bonecos são raríssimos!

E pra mensurar o sucesso da Turma nos comerciais, vale dizer que, em 1966, a Cica lançou um jornalzinho especial com propagandas e divertimentos, distribuído durante o VIII Salão da Criança, em São Paulo.

Mônica # 10 (fevereiro de 1971)

Esta edição trouxe a segunda capa alusiva a uma data especial: o Carnaval – a primeira foi a de Natal, em dezembro de 1970. Porque este foi o tema de *A mascarada*. Imagine estar numa festa só com Mônicas? Altas, baixinhas, gordinhas e até com asinhas nas costas! O mais engraçado na história – escrita e leiautada por Mauricio – é que a verdadeira dentucinha foi quem menos apareceu.

Em 2021, novamente a Mônica seria surpreendida com sósias mascarados. Mas desta vez, não eram dela, mas do Sansão. A história *A casa de pelúcia* foi publicada em *Mônica 2 – 3ª serie*, da Panini.

A história do Piteco é mais uma antiga, feita pelo Mauricio, que saiu originalmente no *Suplemento Infantil* do *Diário de S. Paulo* em 1964. Ela sofreu pequenas alterações para se adequar ao formato do gibi, mas o desenho é praticamente o mesmo.

Uma importante revelação é feita na história do Raposão: um dos 118 filhos do Coelho Caolho (número estipulado na época por Mauricio e seus roteiristas) se chama Tadeu. Só que isso não era exatamente uma novidade, pois o nome dele já havia sido citado numa tira publicada em 18 de novembro de 1965, na *Ilustrada*.

Para os leitores mais novos, uma dica: o tal "estéreo" é como se chamavam os aparelhos de som de última geração – um toca-discos com duas caixas –; e a música que eles ouvem, *Procurando tu*, foi um grande sucesso de 1971, na voz de Ivon Curi.

Na história, Raposão ataca de babá de coelhinhos, mas, num tabloide que saiu na *Folhinha* em 29 de setembro de 1963, ele não cuida de crianças, e sim volta a estudar com elas. Olhe as raposinhas à sua volta.

Em 1971, Toneco era um protagonista. Sempre alto-astral, contracenava com seu amigo Toim, que era pessimista à beça. Com o tempo, ambos foram perdendo espaço para que Tina pudesse brilhar.

Nos anos 1990, Toneco voltou reformulado e, em setembro de 2007, Toim participou da história *Meu novo personagem*, em *Magali 9*, da Panini, em que os dois se imaginam como personagens, em suas versões antigas.

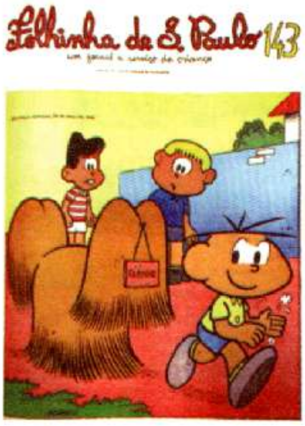
Os pequineses, que um amigo oferece a Toim, na época eram tão populares como poodles. Todo mundo queria ter um. Tanto que, em algumas tiras de 1966, Bidu recebeu a companhia de um (bem ranzinza) em suas tiras.

Além disso, havia a Kombinha, a cadelinha pequinês da família dos *Dezajustados*, uma série pouco conhecida de Mauricio, cujas tiras saíram em jornais de 1966 a 1969.

Leitores mais jovens podem estranhar as bochechas pontudas dos personagens, em *Oi, Mônica*, mas foi assim que eles conquistaram a criançada da época. Na verdade, essa foi a primeira estilização da Turminha, porque Mauricio direcionou o formato do desenho para uma forma menos arredondada da que era feita nas tiras. E ainda demoraria para chegar ao visual tão conhecido atualmente.

Nesta edição acontece algo raro: o Papa-Capim tem duas histórias, que saíram alguns anos antes em suplementos de jornais – confira um dos originais ao lado. Na primeira, ele tapeia seu amigo Cafuné, com a participação da Guatira, a oncinha filhote domesticada.

A segunda talvez só faça sentido para os saudosistas. Poucas vezes um coelho virou almoço de maneira tão direta. O roteiro faz referência à música *Carcará* gravada por Maria Bethânia em 1965. "Pega, mata e come" é parte da letra da canção.



Ah, doce mistério da vida marca a primeira parceria entre Bidu e Floquinho nos gibis. E você sabia que, muito antes, eles foram cinza e laranja, respectivamente? Veja nas capas de *Zaz Traz* 1, publicada em 1960, pela Continental, e da *Folhinha de S.Paulo* 143, de 29 de maio de 1966.

No começo da carreira, Mauricio não pensou nas cores dos personagens, pois as tiras dos jornais eram em preto e branco. Só quando Mônica e outros personagens passaram a ser usados em *merchandising*, ganharam cores vivas e contrastantes, para chamar a atenção em rótulos e caixas.

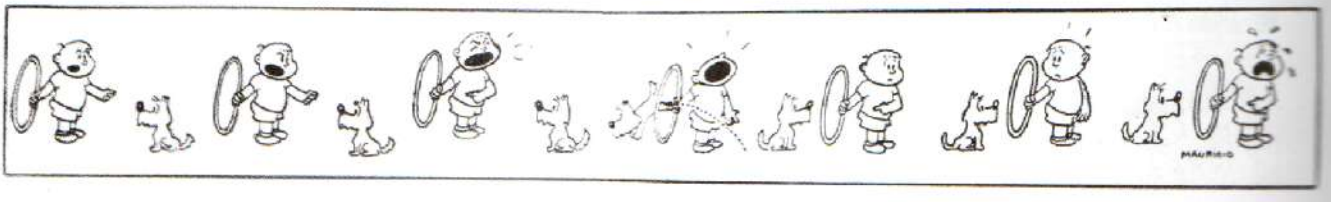
Essa história explora características do Floquinho que veríamos muito no futuro. Isso já acontecia bem antes das revistas, como se viu na *Folhinha* de 17 de janeiro de 1965, em *O mistério do Floquinho*.

Em 30 de maio de 1967, na *Ilustrada*, Floquinho mostrou seu sorriso, em uma das raras ocasiões em que parte de seu rosto apareceu. No ano anterior, em 25 de maio, ele já havia exibido seus olhos e focinho.

O casamento do Horácio marca a estreia do núcleo feminino de personagens e também do Tecodonte. É uma adaptação da história publicada na *Folhinha* de 19 de abril a 21 de junho de 1964. Mas, apesar de o texto ser praticamente o mesmo, houve uma grande alteração: na original, era Lucinda a pretensa noiva do Horácio, e não Simone.

Como em 1971, o perfil de Lucinda já estava muito bem definido (e diferente), Mauricio a substituiu. Um clássico, nas duas versões!

Em apenas uma página, Franjinha faz de tudo para que Bidu pule por dentro do aro. Uma piada semelhante chegou a ser pensada nesta rara tira de 1959, desenhada pelo próprio Mauricio, na qual os dois personagens ainda estavam longe de ter seus traços definidos.



Mônica # 11 (março de 1971)

Em *Os planetinhas,* Mauricio apresenta um novo filão no jeito de a Turma brincar. Se hoje os personagens frequentam a escola, antes mal sabiam escrever e quase todos participam dessa aula ao ar livre. Naquela época, como havia poucas personagens meninas, Mauricio criou várias secundárias, que nunca mais apareceram. Rosinha (não a do Chico Bento) foi uma delas.

Outra surgiu nas tiras da *Ilustrada* em 1963, e seria batizada como Leninha, possivelmente uma homenagem a Lenita Miranda de Figueiredo, que era a editora da *Folhinha.*

A coadjuvante mais famosa da época foi uma garota que usava rabo de cavalo e receberia o nome de Augustinha. Ela saiu das tiras para estrear uma página da *Folhinha,* na qual dava aulas de "elegância e bom tom", e até apareceu no tabloide de 6 de setembro de 1964, em que Horácio e os outros personagens de Mauricio comemoravam o primeiro aniversário do suplemento.

O diálogo do Bidu com a orgulhosa minhoca poderia também ser estrelado pelo Horácio – a não ser pelo final. Texto e arte de Mauricio de Sousa em seu melhor estilo. A história é a compilação de uma série de tiras do Bidu, publicadas na *Ilustrada* a partir de 14 de abril de 1967 e, posteriormente, como tabloide em suplementos de vários jornais do Brasil, como se vê na imagem.

Outra aventura escrita e desenhada por Mauricio é *A pedra da honestidade.* Mais uma vez, ele brinca com o sobrenatural, o inexplicável e o subjetivismo, uma de suas marcas registradas.

Na versão original, publicada em jornais nos anos 1960, por uma falha comum na época, a peruca do dono da pedra muda de cor durante toda a história.

Vamos plantar bananeira? adapta várias tiras para o gibi. Cada meia página traz uma piada, e todas se interligam para formar a história. Já nesta outra tira, de 21 de agosto de 1969, Cebolinha encontra (sem querer) outro jeito de fazer isso.

O ministro Luís Caxeiro mostra seu lado leva-e-traz em *A coroa do rei*. Nas histórias da Turma da Mata, Mauricio sempre colocava uma pitada de cunho social e político, e muitas coisas da época seguem bem atuais.

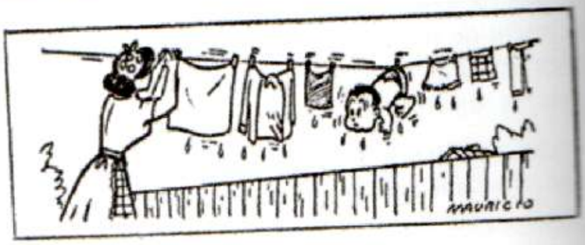
E não teve prisão só nesta aventura! Em suas primeiras tiras, Jotalhão não era tão doce e gentil. Ele já foi autoritário e dominador. Em 1965, ao ser nomeado chefe de polícia, sua primeira atitude foi prender Raposão por desacato à autoridade.

A pelagem do Floquinho rendeu muitas piadas ao longo das décadas. Se nesta edição Cebolinha a utiliza para fugir da Mônica, na *Folhinha*, em 1965, foi para se esconder do Cascão.

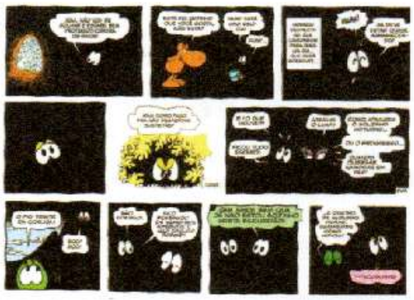
Na época de *Roupa suja se lava em casa*, Cascão era apenas um menino sujo. Ninguém questionava se ele tinha pais, se lhe passavam bons exemplos ou se realmente tomava banho. Por isso, piadas como uma roupa com dois anos de sujeira acumulada eram admissíveis. No mundo politicamente correto de hoje, isso não aconteceria.

Mas é legal saber que, nas tiras de jornal, não só as roupas foram penduradas no varal, mas os próprios meninos, como vemos nessas duas tiras de 1963 e 1967.

E Mauricio já havia usado esta piada, que foi publicada em 13 de fevereiro de 1960, quando ele dividia seu tempo entre o Bidu e algumas charges aleatórias, sem personagem definido, em que brincava com situações do dia a dia.



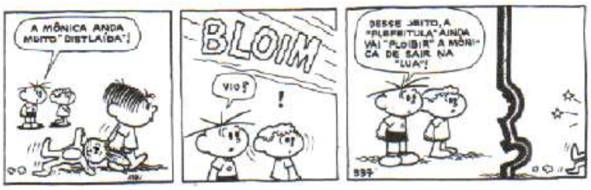
O irmãozinho do Horácio é uma releitura dos tabloides publicados na *Folhinha* de 28 de junho a 23 de agosto de 1964. O desenho foi refeito, a aventura ganhou título e foram apresentados os cumpinchins, que fizeram história. Até hoje eles surpreendem quando revelam sua verdadeira aparência.



Só que os cumpinchis não são os únicos personagens mauricianos a mostrarem apenas seus olhos na escuridão. Foram vários nas histórias de Horácio (veja alguns ao lado), Astronauta, Piteco, Turma da Mata e até da Mônica.

Mauricio já disse, em tom de brincadeira, que fazia isso por não ter tempo para desenhar tantos personagens, mas era uma maneira de aguçar a imaginação do leitor. E funcionava.

Desde que surgiu, a Mônica ficou menos brava e muito mais forte, beirando o (divertido) exagero nos anos 1970 e 1980. Mas os problemas da dentucinha com postes vinham de antes, como se vê nessas tiras, de 1963 e 1965 – a segunda é um primor de imaginação.



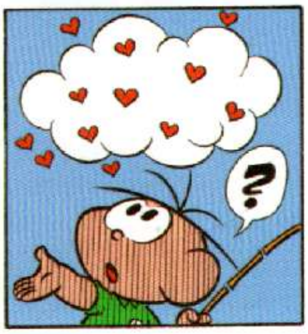
A história da última página, na época, foi muito prejudicada por falhas de colorização. O Bidu começa e termina cinza, e o cabelo do Franjinha aparece branco, laranja e amarelo. Aqui, foi tudo arrumado.

A 11ª edição da revista trouxe uma propaganda em formato de história em quadrinhos da Mostarda Cica, com Mônica, Cebolinha, Cascão e Nico Demo (que, de novo, fala) dando um susto no Bidu, fazendo-o pensar que é um cachorro-quente.

Aliás, o tema cachorro-quente foi bastante recorrente nas tiras do Bidu, como nesta, publicada na Ilustrada em 1º de abril de 1969, na qual ele conversa com um amigo norte-americano, que fez algumas pontas na época.

Mônica # 12 (abril de 1971)

Como se vê em C.B. – *A nuvenzinha mau-caráter*, não eram só os planos infalíveis do Cebolinha que davam dor de cabeça à Mônica em abril de 1971. A nuvenzinha mal-humorada se mostra uma rival à altura da dentucinha. Mas só na capa ela aparece em forma humanizada, e o mesmo vale para o duelo de espadas com raios e guarda-chuva.



Na época, com a criançada adorando a revista, a cabeça de Mauricio fervilhava de ideias e qualquer situação virava roteiro, até uma pesquisa sobre tipos de nuvens. Com um final surpreendente e enigmático, este é mais um clássico dos anos 1970.

Tempos depois, em *A nuvenzinha do amor*, que saiu em *Cebolinha* 68, da Abril, em setembro de 1978, foi a vez do Cebolinha ser perseguido por uma nuvem, só que ela estava apaixonada.

Vida de tartaruga – ou jabuti – não é fácil, como se vê em *A casa do Tarugo*. Apesar de ter um casco último modelo, com direito a teto solar, redecorar sua "casa" é complicado. Mesmo com a ajuda do compadre Coelho Caolho. Vale notar detalhes do que era moda em 1971, como anjinhos barrocos e garrafões *hippies*. A história é uma adaptação das tiras publicadas da *Ilustrada* em 1968 – atente para o selo de vacinação infantil criado por Mauricio.

Cebolinha *de castigo* foi outra adaptação que Mauricio fez de uma sequência de tiras que saiu originalmente na *Ilustrada*, na segunda quinzena de janeiro de 1966. O roteiro ganhou novos elementos no gibi, mas a ideia central foi reaproveitada.

O *rapto dos cumpinchins* foi refeita de acordo com os padrões dos personagens nos anos 1970. Ela adapta os tabloides publicados na *Folhinha*, de 21 de março a 23 de maio de 1965 e, enfim, os simpáticos bichinhos se revelam.

E não é que eles retornaram muitos anos depois? Foi em outubro de 2010, na história *O sumiço do cumpinchim*, que saiu em *Chico Bento* 44, da Panini.

Reparou que *O coelho da Mônica* reúne quatro piadinhas sobre o misterioso poder do bicho de pelúcia para formar uma história? Ele só seria batizado 12 anos depois, em 1983, num concurso. Mas começava a ganhar *status* de personagem, às vezes até adquirindo vida própria.

Em algumas tiras dos anos 1960 e 1970, fez o papel de secundário, ora calado, ora bancando um coelhinho de verdade.

Mauricio já apresenta *O diabinho* se perdoando pela expressão. O personagem é um jovenzinho que resolve bisbilhotar o mundo aqui de cima e, no final, o próprio diabão sofre as consequências do bom comportamento da Turminha e do filho.

Esta foi a terceira versão dessa história. A primeira delas saiu em 1960, na revista *Zaz Traz 7*, da Editora Outubro, que antes se chamava Continental.

A segunda foi numa sequência de tabloides que foram publicados no *Suplemento Juvenil*, do *Correio Popular*, de Campinas/SP, a partir de 2 de junho de 1967. Note bem a evolução dos personagens!

Com o tempo, os diabinhos – mesmo quando ficavam bons – foram perdendo espaço nos gibis de Mauricio. Às vezes, fazem uma ponta aqui ou ali, mas sem nunca ser o centro das atenções.

A história do Piteco é mais um tabloide publicado em jornais que foi transformado em duas páginas no gibi.

O Bolota foi criado para ser uma espécie de parceiro do Piteco nas caçadas e também para livrá-lo das armações da Thuga ou da Ogra. Anos depois, porém, descobriu-se que ele foi o primeiro homem a ter o gene da calvície! Seus característicos cabelos laterais que o digam.

O personagem surgiu em novembro 1962, nas tiras do jornal *Tribuna da Imprensa*, muito diferente de hoje. O nome Bolota vem do formato do seu nariz, que mais tarde ficaria parecido com uma maçaneta.

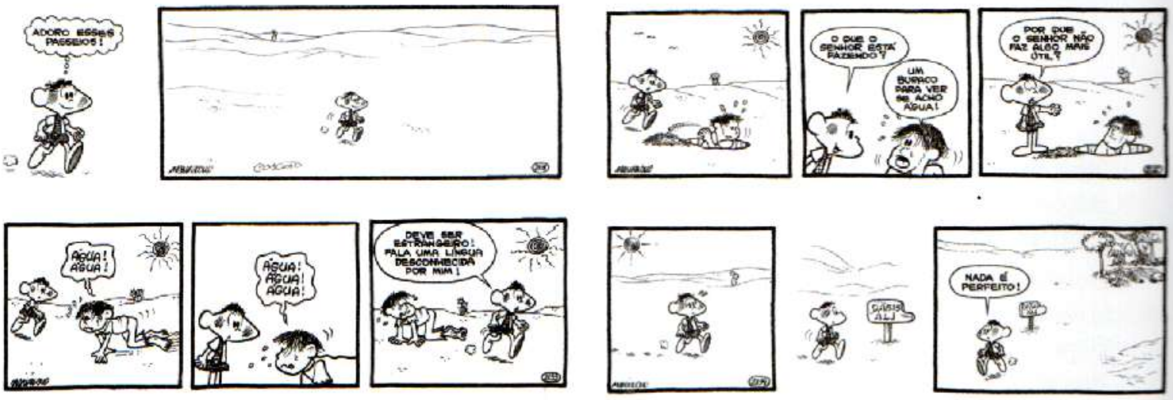
Mauricio mais uma vez dá título a uma história usando um trocadilho. *Moni x Cão* lembra o nome do cachorrinho da Mônica, o Monicão, que só foi criado em 1994 e hoje é um dos *pets* mais queridos da Turma, pelo seu jeito inocente e doidinho.

As menções à cultura e às crenças indígenas sempre aconteceram nas histórias do Papa-Capim. Desta vez, a Iara faz uma participação especial sem aparecer um instante, deixando aquele ar de mistério bem peculiar do Mauricio.

Como as outras aventuras do personagem presentes neste volume, esta também saiu originalmente em preto e branco nos jornais, durante os anos 1960.

Muita gente deve ter levado um susto na história de uma página do Cascão, até descobrir que eram miragens. No início, nas tiras de jornais, a Turminha vivia suas aventuras só no bairro do Limoeiro, mas, com o tempo, conforme a piada pedisse, podia ir a qualquer lugar do mundo.

Por isso, os leitores viram o Cascão se perder no deserto algumas vezes, como nesta sequência que saiu na *Ilustrada* de 1º a 6 de janeiro de 1970.



A paixão do Jotalhão é uma das histórias mais profundas e sentimentais da primeira fase da revista *Mônica*. É a representação do amor platônico. Se Rita Najura vê o Jotalhão com um olhar inatingível, qual seria a reação dele se estivesse apaixonado por alguém que não lhe quisesse?

A ponta de tristeza no final é tão inevitável quanto surpreendente, mas também poética.

Com um coração tão grande, não é de admirar que Jotalhão tenha se apaixonado outras vezes. Em algumas tiras de 1982, ele está encantado por uma raposa.

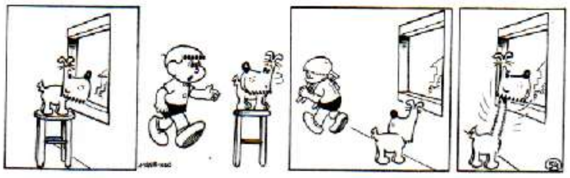
Já em 1967, foi apresentada Elefantônia, que fez papel de sua namorada em algumas histórias.

Curiosidade: estas tiras do Bidu, publicadas na *Ilustrada* em março de 1965, mostram que Mauricio já flertava com a ideia de pedras amontoadas que poderiam gerar muitas interpretações.

Pobre Bidu! Muitas vezes, ele mais parecia um bicho de borracha. A inspiração desse espicha e estica vinha muito dos antigos desenhos animados que Mauricio assistia em preto e branco. Esta história adapta uma tira publicada em 16 de janeiro de 1960, na *Folha de S.Paulo*.

No mesmo ano, em *Bidu, o grande!*, que saiu na revista *Bidu 3*, da Continental, o Franjinha apronta várias dessas com seu cachorro.

Posteriormente, essas situações geraram *gags* para diversas tiras do Bidu.



Mônica # 13 (maio de 1971)

Um café com bolo às cinco na casa da Mônica traz uma das primeiras tentativas de um plano "infalível" do Cebolinha. Mas ele ainda não queria ser o dono da rua; só filar o bolo.

Os outros meninos, tirando Xaveco, Anjinho e Humberto, são desconhecidos. Com as garotas, a mesma coisa.

Curiosidade: a edição original teve vários erros de cor. O cabelo do Anjinho saiu verde; a camisa do Cebolinha, cinza, amarela e azul; e a do Cascão, vermelha!

Apesar do tamanhão, o Jotalhão vive com seus dilemas, frustrações e medos. Por isso, Mauricio o usou para disseminar assuntos que se tornariam comuns tempos depois: sedentarismo, obesidade e cuidados com a alimentação. Aí, o elefante verde precisa da ajuda dos amigos.

A história teve uma versão anterior, contada em tiras seriadas que saíram em 1965, no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S.Paulo*.

Dentre os bichos que ajudam está um bastante conhecido na época, o Tuta Tatu. Apesar de hoje raramente sair de sua toca, nos anos 1960 ele vivia seus dias de glória, com presença marcante em muitas tiras da Turma da Mata, como se vê à esquerda.

Naquela época, Piteco e Bolota eram bem mais ingênuos. Mas, às vezes, os homens de Lem descobriam algo interessante, como a tal "água dura" que brotava de uma montanha.

Esta história foi publicada pela primeira vez em 1965, como tabloide, no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*.

O título *Quem quer pão?* se refere a uma canção para quem quer aprender a tocar violão: cantarola-se essa frase em ritmo de valsa, *rock* etc. Por isso a piada do Cebolinha.

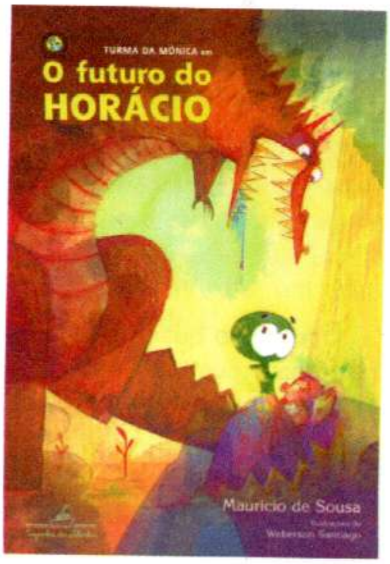
A história traz outras referências ao que se escutava nas rádios na época, como *Jesus Cristo*, de Roberto Carlos, e *I want to go back to Bahia*, de Paulo Diniz.

Pra quem gosta das referências da época, *Um carrinho com carinho* é outro presente. Cascão menciona vôques (Volks, de Volkswagen), porque não precisava de água.

Aliás, Mauricio usou e abusou dos carrinhos nas tiras da Turminha, como nesta abaixo, de junho de 1961. Era comum os personagens passearem em veículos de madeira, sendo puxados por alguém ou não.

Na capa de *Mônica 1*, também tem um carrinho de brinquedo.

O naturalista Charles Darwin ficaria orgulhoso se tivesse lido *O futuro do Horácio*. Assinada por Mauricio de Sousa, mostra o pequeno dinossauro frente a frente com o seu futuro.

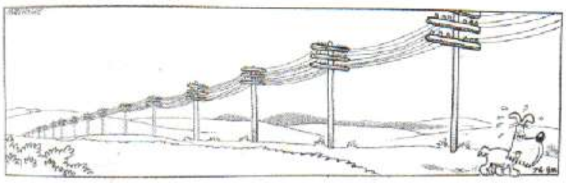


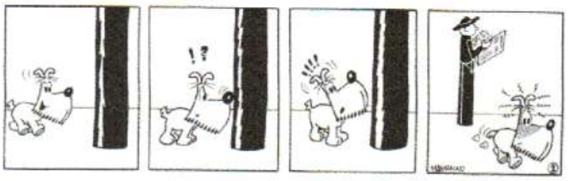
Mescla de fantasia e ciência, é daquelas histórias que terminam com uma ponta de tristeza. Foi publicada originalmente na *Folhinha*, de 24 de janeiro a 14 de março de 1965. Um clássico, que ganhou uma interpretação diferente em 2017, num livro da Companhia das Letrinhas ilustrado por Weberson Santiago.

O Velho Dinossauro da Gruta Negra voltaria a aparecer em *Cebolinha 53*, da Abril, mas esta fica para o futuro.

É raro os dois universos do Bidu "colidirem". Na história desta edição, o astro dos quadrinhos se mistura à mascote do Franjinha e, claro, ambos se dão mal.

Nas tiras do Bidu, os postes serviam muito como gancho para piadas. Com o tempo, isso foi meio deixado de lado, pois o xixi no poste é proibido em alguns países.

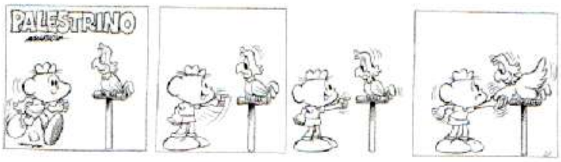




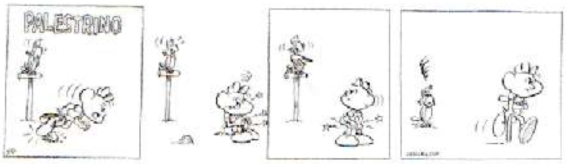
Antigamente, as aspas ainda eram acrescentadas no texto para enaltecer os erros de pronúncia do Cebolinha. Era uma forma de mostrar que a palavra estava errada. Hoje, todo mundo já sabe disso, mas agora se usa o negrito italizado para evidenciar os termos em que ele ***"tloca"*** o R pelo L.

E não foi a primeira vez que o Cebolinha "deu uma lição" na Mônica, como se vê nesta tira de 1965.

Toneco era multitarefa. Ele protagonizava suas tiras, quase sempre acompanhado do pessimista Toim e, às vezes, encarava algum brigão, como o Júlio.



Mas ele também era coadjuvante nas histórias de sua irmã Tina e do papagaio Palestrino. Com este último, discutia frequentemente em tiras sem texto.



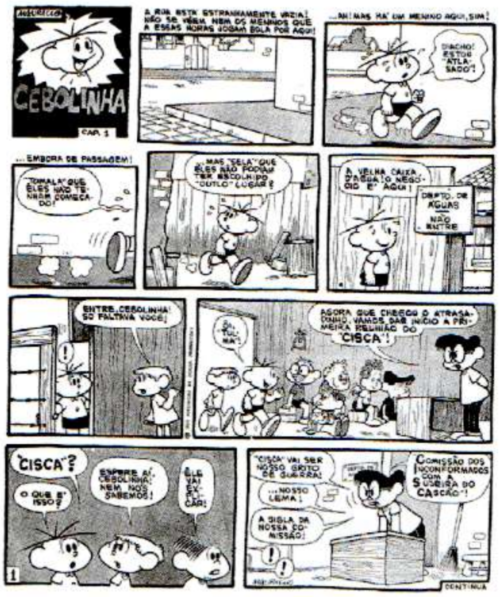
O primeiro quadrinho de *Cascão contra a Cisca* traz uma cena que não existe na história, mas funcionava como chamariz. Trata-se de uma referência à Ku Klux Klan, organização que atacava minorias, cujos membros, com capuzes brancos, espalhavam o terror pelos Estados Unidos.

A Cisca apareceu na reunião do clubinho que era presidido pelo Zé Luís (como em *Mônica 1*). Os membros eram: Xaveco, Teveluisão, Anjinho, Mônica e a já citada Augustinha.

A história, escrita e desenhada por Mauricio, saiu antes na *Folhinha* de 24 de janeiro a 14 de março de 1965. Mas no lugar da Augustinha estão Bernardão e Totó, o lobisomem! Como em 1971 ambos já estavam "aposentados", foram substituídos no gibi.

Nas duas versões, o Anjinho canta um sucesso da época: *Chove, chuva*, de Jorge Ben.

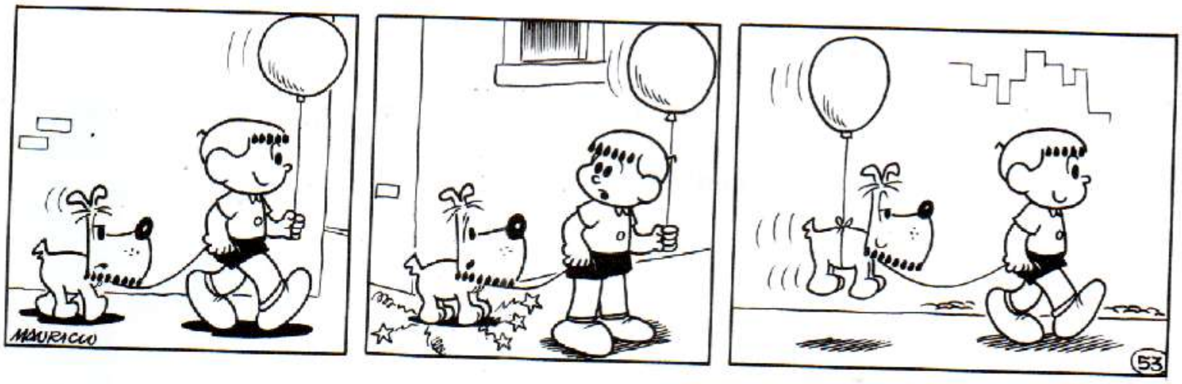
Outra curiosidade é sobre o Humberto, que é um dos primeiros personagens do Mauricio. Surgiu em 1960, na primeira edição de *Bidu*, e contracenava com outros crescidinhos: Franjinha, Titi, Jeremias e Manezinho. Só depois ele foi "encolhido" e ficou na faixa etária do Cebolinha e do restante da Turma.



Super-1

Um personagem mudo, que só fala "Hum", foi uma novidade naquela época. E, embora nunca tenha chegado ao patamar de protagonista, Humberto teve o seu momento de glória na novela *Super Plá*, da TV Tupi, em 1969/70. Nela, Plácido, interpretado por Rodrigo Santiago, lia tiras criadas por Mauricio e se imaginava poderoso como o Super-1, que nada mais era que o Humberto adquirindo superpoderes ao cheirar uma florzinha mágica. Notou a sonoridade do nome? Super-Hum!

A ideia do Franjinha para diminuir o cansaço do Bidu veio de uma tira de 02 de abril de 1964. A diferença está no número de balões.



Pior fez o Cebolinha, nesta tira de 12 de março de 1961, que "ajudou" o cãozinho de um jeito todo dele!

Monica 13 trouxe, originalmente, dois anúncios de produtos da Turminha: a boneca Mônica, da Trol, e a Mostarda, da Cica, já reproduzido neste volume.

Mônica # 14 (junho de 1971)

Esta é uma edição especial, pois a maioria das histórias é de autoria do próprio Mauricio de Sousa.

As aventuras que abriam a revista sempre recebiam um tratamento diferenciado: além de mais longas, eram divididas em três faixas de quadrinhos por página – as demais eram em quatro.

Em *Mônica não é mais aquela*, não há vilão, plano infalível ou universo paralelo. É só a dentucinha apoiada num muro, enquanto os garotos da Turminha (inclusive alguns diferentes) a atormentam. Um clássico daqueles tempos, bem no estilo do Mauricio.

Em 1960, quando fazia *Bidu*, sua primeira revista, Mauricio teve que abandonar o projeto porque fazia tudo sozinho. Dez anos depois, quando *Mônica* chegou às bancas, o autor já estava preparado. Ele montou uma pequena equipe para ajudá-lo. E com a inclusão de roteiristas, desenhistas e arte-finalistas, o estilo dos números iniciais e das antigas tiras de jornais começou a mudar.

Mesmo sem sair da concepção de Mauricio, cada artista dava seu toque pessoal. É o que se vê na história do Cascão, em que desenho e arte-final apontam para um estilo que imperaria na metade e no fim dos anos 1970, com figuras mais esguias e traços mais finos.

Esse tema do "olhar pra cima" já havia sido abordado em tiras do Cebolinha, em 1963 e 1968. Mas os motivos eram diferentes.

A história curta do Cebolinha segue um modelo clássico: quatro *gags*, com duas piadinhas por página. Pode contar! Numa tira de 1970, o troca-letras já havia tentado equilibrar uma vassoura, mas as consequências foram drásticas, por causa da Mônica.

Depois de tantas tramas, conflitos e aventuras com bichos esquisitos, em *Horácio, o "ama-seca"*, Mauricio dá um descanso ao tiranossauro comedor de alfaces, em uma história leve e engraçada. Saiu originalmente na *Folhinha*, 6 de março a 10 de abril de 1966, em seis tabloides. Veja a diferença nos traços e cores.

Mas o melhor são os monstros trapaceiros Ab e Surdo. Eles são tão singulares, que não se parecem com qualquer espécie de dinossauro. Grifos, talvez? Devido à sua aparência única, ficaram guardados na memória dos antigos leitores.

Mesmo assim, levariam décadas para reaparecer, em 2006, na HQ *Um parque Ab-Surdo*, na revista *Parque da Mônica* 161, da Globo. Ab e Surdo são mais um exemplo de como é rico e original o universo de Horácio.

Curiosidade: na *Folhinha* de 8 de agosto de 1965, ou seja, antes de a história original sair, Horácio, numa piada de um quadro apenas, encontra outro dinossauro recém-nascido que não se livra de sua casca.

-VOCÊ PODE ME ARRANJAR UM MARTELINHO PARA QUE EU ACABE DE NASCER?

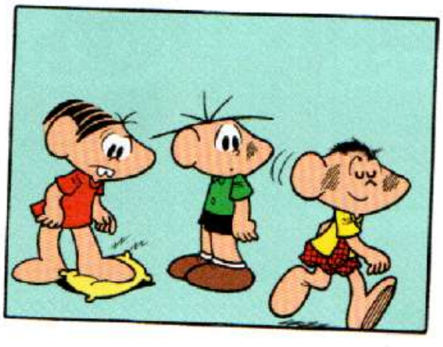
Em *Mônica no zoológico*, a piada visual dos elefantes com medo da Mônica permite duas interpretações: eles a confundiram com um ratinho ou sabiam do que a menina aprontava com Jotalhão nas propagandas de televisão da Cica?

A história tem algumas referências de época, como a menção ao leão da Metro Goldwin-Mayer, que aparecia rugindo antes de todos os filmes da companhia, e quando Mônica acha que encontrou um *hippie!*

Os seres de magma que saem de uma caverna subterrânea quando Piteco e Bolota descem para averiguar como é o centro da Terra novamente mostram como o povo de Lem temia o desconhecido que vinha das grutas e cavernas. Como se pode comprovar também nesta tira de 1964.

Quando Mônica surgiu, usava sapatinhos, assim como Cebolinha, Franjinha e os outros personagens. Na época, para dar conta de produzir as tiras para jornais, que aumentavam mês a mês, Mauricio precisava desenhar o mais rápido possível. Assim, ia simplificando a arte.

Por isso, com o tempo, perna e sapatinho da Mônica viraram uma coisa só, como a calça e os sapatos dos adultos. Como as tiras eram em preto e branco, ficava subentendido que o calçado continuava ali, mesmo não desenhado.



Mas quando vieram as cores, como em *Meu pé dormiu!*, a coisa pegou. Mônica, Cascão, Magali e tantos outros que tiveram os sapatinhos "emendados", passaram a ser pintados como se pernas e pés fossem uma coisa só.

E outros, como Cebolinha, Franjinha e os meninos mais velhos, continuaram com os sapatos convencionais.

Por essa ótica, Mônica tem dedos nos pés, sim. Eles apenas não aparecem. Ou, como ela disse numa história feita tempos depois: "Na verdade... eu uso meia-calça!".

Na história do Astronauta, seres cósmicos confundem a nave do nosso herói com uma bola. Por trás desse roteiro aparentemente simples, há uma pequena e bonita mensagem. Meninos de diferentes níveis sociais: um talentoso e outro invejoso, uma sabotagem e a intervenção do nosso herói.

Esta é a segunda versão do mesmo roteiro de Mauricio, que foi publicado anteriormente no *Diário de S. Paulo* no dia 9 de junho de 1968.

Tanto na história que fecha a edição, quanto em sua versão anterior, publicada na *Folha de S.Paulo* em 27 de outubro de 1964, a mãe do Franjinha está diferente de sua versão atual. Há um bom tempo, Dona Elza usa os cabelos amarrados em um longo rabo de cavalo.

Mônica 14 reapresentou a propaganda dos pêssegos em calda da Cica, que havia saído na sexta edição, com Mônica, Cebolinha e Magali brincando de Escravos de Jó. Esta é praticamente a única participação da comilona no gibi.

Mônica # 15 (julho de 1971)

Mais uma vez, a capa trouxe uma cena que raramente acontecia nas histórias: um encontro de Mônica, Cebolinha e Jotalhão. Como o simpático elefante fazia sucesso nos comerciais de tevê da Cica, era bom tê-lo como atrativo.

Aliás, a capa teve dois erros de colorização: o vestido da Mônica saiu magenta (um rosa mais forte) e a camisa do Cebolinha, azul clara. Mantivemos as mancadas para sermos fiéis.

Os azuis é uma das mais memoráveis aventuras da *Turma da Mônica* em todos os tempos. Quando foi publicada, mesmo com o mundo passando por mudanças sociais, ainda era complicado e polêmico abordar alguns temas no Brasil.

Escrita por Mauricio de Sousa, a história dá uma bela chacoalhada na discriminação racial e deixa claro que, embora a Mônica se sinta diferente, ela **é, e sempre será,** a Mônica.

Muito comentada até hoje, na época a aventura recebeu centenas de cartas elogiando a coragem em falar do preconceito por causa da cor da pele, principalmente em histórias infantis.

O próprio Mauricio, a seguir, relembra como as coisas aconteceram.

"Essa história nasceu durante uma esticada de trabalho que começou às 11 da noite e terminou às 5 da manhã. Eu no estúdio, sozinho, precisando fechar a revista, e faltando 13 páginas.

Então, comecei a escrever e desenhar sem sinopse ou rascunho. Escrevia e desenhava ao mesmo tempo. E, ao final, quando terminei, contei as páginas e vi que era exatamente o número que eu precisava.

Depois, essa história virou um livrinho, pela Editora Abril, e uma animação. E até hoje é recordada pelos leitores veteranos.

Quando terminei de escrever e desenhar, me perguntei de onde tinha vindo a inspiração. E me lembrei que, naquele dia, pela manhã, um primo meu havia demonstrado preconceito racial numa conversa comigo. Fiquei incomodado com aquilo. E talvez tenha sido por isso que nasceu *Os azuis*."

Essa história teve diversas adaptações. Saiu como livro ilustrado, pela Abril, em 1975, na coleção *Conte um conto*. Em 2002, virou um desenho animado, mantendo-se fiel ao roteiro original, mas já com os traços mais arredondados. Três anos depois, foi parar no teatro, rebatizada como *Mônica azul* – porque, em vez dos personagens da Turminha, Mônica era a única azul.

Finalmente, em 2015, ganhou uma releitura num livro ilustrado, numa coleção da Companhia das Letrinhas, com artes de Elisabeth Teixeira.

A aventura do Astronauta – publicada originalmente no *Diário de S. Paulo*, em 21 de julho de 1968 – mostra que, com a chegada de novos artistas ao estúdio, algumas mudanças de estilo apareceram. Quando nosso herói encontra uma placa pensante, até há aquele *nonsense* do Mauricio, mas, quando surge a nave espacial alienígena, o roteiro ganha um tom policial extraterrestre.

Armas e xingamentos, como "idiota" e "imbecil", valiam para a época, mas não saem mais nos gibis atuais da **MSP**.

Em sua versão original, em momento algum o cabelo do Astronauta aparece loiro. Ou está branco ou na cor da pele do personagem. E o primeiro texto da placa pensante saiu escrito errado: "Onde pensa que vai?".

Em 1997, outra placa que se comunica apareceria na nave do Astronauta: o Vistoriador Cósmico, cujo "rosto" mostra símbolos das coisas que ele quer falar.

Esse personagem é mencionado, inclusive, na primeira aventura do Astronauta, em 1964, quando ele recebe o seu famoso traje dos Homens-Geleia.

Mauricio levou muito das suas experiências como repórter policial na *Folha da Manhã* (atual *Folha de S.Paulo*) para seus primeiros quadrinhos. Por isso eram tão comuns histórias com mistérios, bandidos e um grande perigo.

É o caso de *O "cara-de-pau"*, que hoje precisaria ser totalmente reformulada. Afinal, armas dentro de casa e crianças se envolvendo com bandidos não são mais aceitos em revistas infantis.

A história saiu originalmente em maio de 1963, nas tiras da *Ilustrada*. Infelizmente, esta cópia apagada é a única que nos resta.

Às vezes, o Cascão imita seu melhor amigo e tem alguma ideia mirabolante. Geralmente, para se safar de algum banho, como acontece em *Um jantar com o Cascão*.

Embora hoje sua fama seja inabalável, no passado o menino não era tão sujo assim. Como se pode ver nessas duas tiras de 1964, Cascão, de vez em quando, tomava seus banhos. E, acredite, até os comentava! Mas ser mostrado embaixo do chuveiro, jamais!

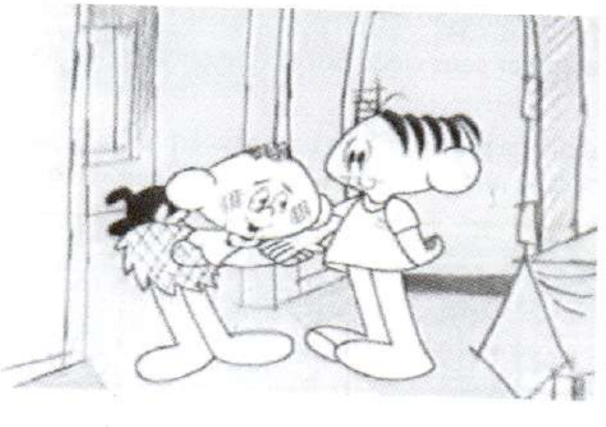
Horácio e a árvore do ódio saiu originalmente em dez tabloides publicados na *Folhinha*, de 30 de maio a 1º de agosto de 1965, e é uma das mais assustadoras aventuras do dinossaurinho.

De um lado da "disputa", uma árvore falante diabólica; do outro, um "homem das cavernas" que nunca mostra sua cara. Diálogos fortes e texto bem construído, as marcas registradas de Mauricio.

Se fica evidente a mensagem progressista do homem, também é claro o discurso ecológico da árvore rebelde. E, apesar de ela ser a vilã, há um recado referente à conscientização quanto ao desmatamento e uma dica sobre o reflorestamento.

O cenário dos sonhos do Cascão na história que fecha a edição já havia sido explorado numa tira do personagem em 1963. Só que, desta vez, ele estava bem acordado.

Em 1971, esta edição apresentou dois anúncios de produtos da Turminha: a boneca Mônica, da Trol, que "resistia até ao seu irmãozinho mais novo", e Marron Glacê, da Cica, no qual o Cascão não apenas aparece vestido como um pequeno francês, mas também fala com "sotaque". Esta peça foi uma adaptação do comercial de tevê, em que o sujinho falava da mesma forma.



Mônica # 16 (agosto de 1971)

Esta revista talvez tenha tido a capa mais simples deste início do gibi, sem Jotalhões, Bidus ou a Turminha para acompanhá-la. E traz uma curiosidade: notou que o traço da Mônica está diferente? Segundo Mauricio, isso aconteceu porque na época foi utilizada uma arte oriunda das animações de tevê, que tinham um desenho levemente modificado.

A estátua caberia tranquilamente em um gibi do Cascão, se ele já existisse na época. Apesar de a revista ser da Mônica, não era raro que a aventura principal fosse protagonizada por outro personagem da Turminha.

Aqui, o Cascão cai na brincadeira do "Homem de barro", uma antepassada do "Como está, fica". E ele entra num vaivém de situações deliciosas com vários dos seus amigos: Cebolinha, Magali, Chaveco (ainda com Ch) e Anjinho, que naquela época vivia mais perto do chão.

Uma sacada na "estátua" é a presença do guarda-chuva, que era uma marca registrada do personagem. Essa característica era tão forte, que até mesmo os bonequinhos comercializados na época, fabricados pela Trol, traziam o Cascão assim.

É impossível saber quantos cachorros Mauricio criou em seu universo. Dentre Bidus, Bugus e Floquinhos, há muitos que fizeram parte de outras turmas e acabaram sumindo com o tempo.

A personalidade do que aparece aqui é uma mistura do que viria a ser o Zé Esquecido e o cachorro do Louco (que também desapareceu). O tal cãozinho peludo fez essa aparição-relâmpago, se encheu e foi embora.

Antonio Mauricio de Sousa, o pai de Mauricio, era escritor, poeta, pintor, radialista... e barbeiro. E, como contamos no volume anterior da *Biblioteca*, fez figuração em várias histórias da Turminha.

Em *Corta o cabelo dele!*, Cebolinha é obrigado a aparar seus cinco fios e, por obra do destino, adivinhe quem o atende!

Não foram poucas as tiras e histórias em que Cebolinha precisou ir ao barbeiro. Em 1960, *A fuga do Cebolinha*, em *Bidu* 5, da Outubro, e uma tira publicada na *Folha de S.Paulo* exploram esse tema.

No mundo do Horácio, não há só dinossauros, mas bichos de toda natureza. Passado e futuro se misturam, o real e o mitológico se unem num lugar sem regras criado pela imaginação do Mauricio.

Então, Horácio pode encontrar macacos, robôs, mamutes, preguiças gigantes, grifos, mulheres-javali, dragõezinhos e outros bichos, como as duas "garotas pré-históricas" que tentam de tudo para conquistar o coração dele. Muitos anos depois, elas seriam batizadas como Grifa e Javalina.

Originalmente, esta HQ foi publicada de 25 de setembro a 27 de novembro de 1966, na *Folhinha*. Para o gibi, foi redesenhada.

Repare na subjetividade do quadrinho em que a preguiça gigante foge do Horácio. Apenas um balão com um "Uaii!" aparece. Nada é explícito. A tal "cara de horror" não é mostrada. Essa era uma característica marcante do Mauricio para brincar com a imaginação de quem lia.

Uma fada dos dentes precisa enfrentar a esperteza do Cebolinha e do seu pai, em *Ah, essa fada...* Ela é uma adaptação de uma série que saiu em tiras, na *Ilustrada*, em 1967.

Duas curiosidades: a primeira é que o valor que o Cebolinha pediu pelo seu dente foi o mesmo que este gibi custou na época: um cruzeiro; e a segunda é que, hoje, a história certamente receberia outro título, em virtude do cacófato gerado na leitura.

Embora já fosse um personagem antigo do Mauricio, Ditão, amigo de infância do Astronauta, faz aqui sua primeira aparição em um gibi. A fazenda Tangará, lar do herói espacial, fica no interior e é onde vivem os pais dele.

Apesar de não aparecerem no início, os pais formam o núcleo do Astronauta na Terra, com Ditão e a inesquecível Ritinha.

Os seres boloides proporcionam uma aventura cheia de ação e com direito até a triângulo (ou seria círculo?) amoroso.

Esta história também foi adaptada de antigos tabloides do Astronauta publicados originalmente no *Diário de S. Paulo*, de forma seriada, em 1965.

Uma curiosidade desta edição, em 1971, é que ela encerrou com duas histórias de uma página do Cebolinha publicadas na sequência. Só que a segunda saiu na terceira capa da revista! E, mesmo com apenas seis quadrinhos, teve dois erros de colorização, na pele e nos sapatos do Cebolinha.

Mônica # 17 (setembro de 1971)

Era comum a Mônica ter "convidados especiais" na capa de sua revista. Nesta edição, foi o Bidu, que, embora seja o cachorrinho do Franjinha, apareceu várias vezes como mascote da Turma. E a arte traz uma curiosidade: os olhos da Mônica estão completamente contornados, algo que nunca acontece.

Meu reinado está chegando ao fim? foi produzida especialmente para a revista. A menina de olhar angelical se torna uma perigosa adversária da Mônica, a ponto de colocar em perigo seu título de dona da rua. Como a dentucinha jamais bateria em alguém menor, o final inusitado faz a menina esquecer de suas ambições rapidamente. Mas qual menino a convenceu a embarcar nesse plano "infalível"? Até hoje, ninguém sabe.

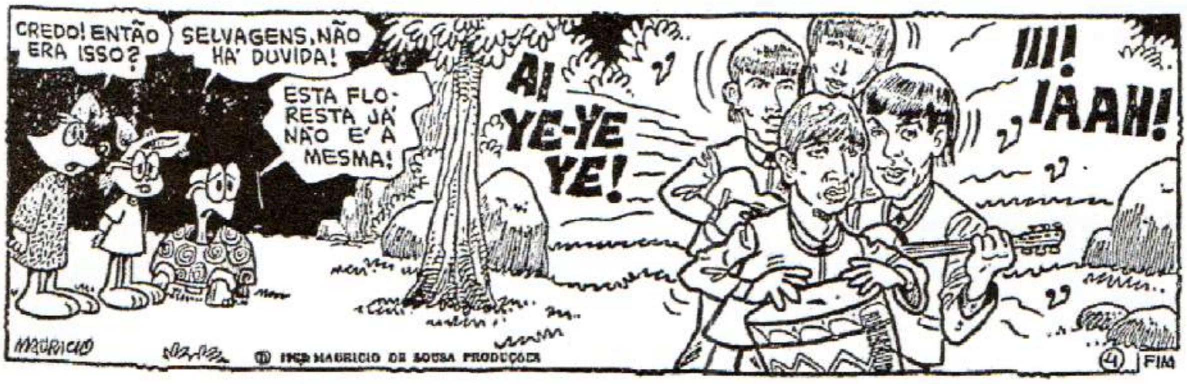
A menina não foi a única a quase vencer a Mônica. Em 1976, na época da Editora Abril, isso aconteceu duas vezes e as garotas também carregavam bichos de pelúcia. Em *Cebolinha* 45, de setembro, surgiu Parvínia, com seu ursinho; e em *Mônica* 79, de novembro, houve uma menina, cujo nome não é mencionado, com um ratinho.

E, para finalizar, temos Luísa, que usa apenas o seu charme para conquistar o título de dona da rua. Ela surgiu em 1985, na edição 171 do gibi da Mônica, na Abril.

Como se vê na história de uma página da Mônica, o Floquinho, além de ser um ótimo cãozinho de estimação, servia como cobertor para a Turma. Mas, mesmo aconchegante, às vezes podia assustar, como nesta tira de 1968 do Cebolinha, na *Ilustrada*.

A Tina se mostra fã de ninguém menos que John Lennon, nesta edição. E não pense que ela é a única! Embora a história seja de 1971, esta não foi a primeira vez que ele apareceu, sozinho ou com seus amigos Paul, George e Ringo, os Beatles.

Em uma tira do Raposão em janeiro de 1965, a Turma da Mata é acordada por um estranho estardalhaço vindo da floresta: uma música dos Beatles, que acabava de chegar ao Brasil.



Os quatro garotos de Liverpool também aparecem numa aventura do Astronauta, em 1965. Assim como em *Cebolinha 140*, da Globo, em 1998 – veja a imagem mais abaixo. E chegaram a protagonizar uma aventura inteira, na revista *Parque da Mônica 165*, também da Globo, em setembro de 2006.

Por fim, há a já clássica *Pôu in Roça*, que saiu em *Chico Bento 95*, em setembro de 1990, da Globo, uma memorável aventura de Paul McCartney na Vila Abobrinha, com direito a reunião dos Beatles no último quadrinho.

Isso sem contar o projeto *Beatles for kids*, que Mauricio desenvolveu nos anos 1980, mas que acabou não acontecendo. No entanto, isso é história pra outro momento.

Em *Mônica e o menino perdido, mesmo*, a dona da rua se dá mal com um garoto menorzinho e cheio de manhas. Anos depois, um personagem com essas características conquistaria seu espaço: Dudu, o primo da Magali.

Uma onda de azar atinge todo o planeta, menos uma cidadezinha no interior de São Paulo: o lugar que, mais tarde, seria conhecido como bairro do Limoeiro. A história protagonizada pelo Bidu, Franjinha e Titi, com participação da Magali, brinca com o mito dos diabinhos (ou gnomos), que levam a pior com algumas cenas de fazer crianças perderem o sono.

Eles também são conhecidos como Gremlins, seres mitológicos que ganharam notoriedade durante a Segunda Guerra Mundial, pois muitos alegavam que eram responsáveis por destruir máquinas, derrubar aviões e causar acidentes no conflito. Mas ninguém os via.

A lenda ressurgiu no Ocidente nos anos 1960, durante a Guerra Fria. Foi nesta segunda onda que Mauricio se inspirou para criar a história. Hoje, conhecemos os Gremlins por causa do famoso filme homônimo de 1984.

A história do gibi adapta uma longa sequência de tiras publicadas na *Ilustrada*, de 16 de abril a 19 de maio de 1963. Foi nessa série que apareceu a "sósia" da Magali (com direito a dedos nos pés) mencionada no primeiro volume da *Biblioteca*.

Além disso, na versão original), os gnomos se assemelhavam mais a extraterrestres. No gibi, a arte foi modificada para deixá-los parecidos com diabinhos mesmo.

O tabloide do Horácio publicado na *Folhinha* em 17 de novembro de 1968 virou uma história de duas páginas na revista – compare as mudanças sutis na arte de ambas. Vale lembrar que 60 milhões de anos separam os mamutes dos dinossauros, mas não nas aventuras do Mauricio. Afinal, o Antão é um dos melhores amigos do pequeno tiranossauro.

Nem só o Cebolinha bola planos infalíveis. Vez ou outra, alguém da Turma pensa um jeito de tentar dar banho no Cascão. Em *MoniCascão*, é a vez da dentucinha. Gírias como "entrar na onda" eram o máximo na época e mostram uma preocupação que Mauricio sempre teve em seus produtos: que os personagens falassem a língua do dia e da hora.

Nos anos 1970, o Tarugo decidiu inovar na "tecnologia": além do teto solar, colocou rodinhas no seu casco. Isso durou um tempo e foi um barato – pra usar uma gíria daquela época.

De quebra, há a participação do Mico Lino fazendo seu papel de... macaco, tanto no gibi, quanto na versão original da história, publicada na *Folha de S.Paulo* a partir de 31 de dezembro de 1964.

Cinco meses depois de ter ficado de castigo, lá estava o Cebolinha de novo! Veja a tira que deu início à sequência apresentada nos comentários de *Mônica 12*, pra mostrar o troca-letras numa situação parecida à história desta edição.

O Astronauta sempre ganhou de Mauricio as histórias mais adultas. Com o tempo, ele passou a viver aventuras também na Terra. Na desta edição, que saiu originalmente em forma de tabloides seriados no *Suplemento Juvenil* do *Diário de S. Paulo*, seres de Plutão se infiltram por aqui para conquistar o planeta.

Embora datada (Plutão nem é mais reconhecido como planeta), a trama tem inspiração nos filmes de alienígenas dos anos 1950 e 1960. E que final intrigante!

Curiosamente, na revista publicada em 1971, os cabelos do Astronauta estão brancos em todos os quadrinhos!

Fechando sua 17ª revista, Mônica resolve bancar a pintora de árvores. Situação inédita numa história do Mauricio? Negativo! Confira esta propaganda que saiu em *Bidu 3*, de 1960, convidando os leitores para acompanhar as tiras do Franjinha na *Folha de S.Paulo*. Ela foi reproduzida em *Coleção Histórica Mauricio*, que a Panini publicou em 2015.

Mônica # 18 (outubro de 1971)

A capa deste número faz alusão a um brinquedo que era sensação naquela época: o Bate Beg. Eram duas bolas feitas de plástico duro, que tinham que bater uma na outra de modo sincronizado. Mas, às vezes, escapavam e iam direto no punho, na mão ou no braço. Aí, não tinha jeito: doía muito.

Na intrigante história de abertura, assinada por Mauricio de Sousa, uma voz misteriosa sai da barriga da Mônica e diz coisas que ela nem imaginava falar... pelo menos em sã consciência.

Com a participação de praticamente toda a Turminha, é no mínimo curiosa. Afinal, que voz é essa? A consciência? Um gnomo? Um sinal de que a Mônica estaria mudando o seu comportamento? O final em aberto deixa a conclusão nas mãos e cabeças dos leitores.

Os erros de colorização, tão comuns na época, deram as caras de novo na revista original: o vestido da Magali ficou verde e o da Mônica, preto!

Mauricio adorava colocar javalis como vilões nas histórias do Horácio, como na já citada série com os cumpinchins. Aqui, um deles tenta dar uma de sabichão e se dá mal.

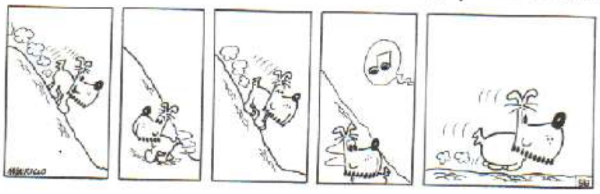
Mais uma vez, um tabloide (veja um detalhe dele na imagem), publicado na *Folhinha* em 1º de dezembro de 1968, virou duas páginas no gibi.

Novamente Tina faz par com seu irmão Toneco. De tão careta, o menino recebe um banho de cultura *hippie*. Se hoje as gírias "bode", "minão" e "entrosou" soam engraçadas, vale registrar que, na época, eram as mais populares na rua Augusta, "o *point* da moda" em São Paulo. O "portuga inserido", se referindo ao idioma, é uma pérola.

Com a crescente popularidade, Tina chegou a ter a sua própria boneca nos anos 1970, pela Estrela. Com 45 cm de altura, fez muito sucesso entre a criançada, e hoje é bastante rara.

E a famosa rua Augusta não era citada apenas nas histórias da Tina. Ela fazia parte do cenário nas tiras dos Dezajustados, de 1966, onde o "velho" fazia questão de dar uma esticada.

Bidu começava a contracenar e interagir com cenários, objetos e tudo que aparecesse nas suas histórias, como se vê em *Na Subida do Morro...* Trata-se de uma brincadeira com o famoso logotipo da produtora de filmes Paramount, que é uma montanha.



Em suas antigas tiras, Bidu já fazia o mesmo, sempre arrumando um jeito de descer pelo morro, mesmo que as freadas gastassem suas patinhas, como se vê ao lado.

Mônica mostra, em *Retrato falado,* todo o seu jeitinho de resolver as coisas e por que se tornou a dona da rua. Mais brabinha do que é hoje, desde aquela época não levava desaforo para casa.

O Astronauta encontra sua própria Lilliput (a terra onde Gulliver aporta, na clássica história escrita por Jonathan Swift, em 1726) e acaba sendo confundido com um deus pelos *hippies* alienígenas, em *O deus sol*.

No melhor estilo dos antigos contos publicados em livros de bolso, ele prefere se livrar nos nativos, criando um falso alter ego, em vez de tentar convencê-los a levar adiante suas vidas.

Hoje, provavelmente, Mauricio optaria por outro caminho. Curiosidade: o personagem cita um acordo com as Nações Unidas, mas não menciona a Brasa – Brasileiros Astronautas.

Na história publicada no mês anterior, Tarugo já havia colocado rodas em seu casco. E nesta, dá continuidade ao tema. O *slogan* "Bom senso sobre rodas", que Raposão diz já ter escutado, é de uma antiga propaganda do Fusca, da Volkswagen, nos anos 1960, que chegou a ter até chaveiro – que hoje é uma raridade.

Mais uma vez, a história adapta tiras seriadas do Raposão, publicadas na *Folha de S.Paulo*, no caderno *Ilustrada*, em 1965.

A Turminha tem uma queda por perda de memória, como se vê em *Cebolinha com amnésia*. Várias vezes, os personagens passavam por isso. Então, achavam que eram galinhas, passarinhos ou, simplesmente, ninguém. E lógico que há sempre alguém querendo tirar proveito disso... Não é mesmo, Cascão?

O menestrel é uma das histórias mais atípicas do universo de Mauricio. Foi claramente inspirada na fábula *A cigarra e a formiga*, de La Fontaine. No entanto, exceto pela plaquinha que indica a toca do Coelho Caolho, no primeiro quadrinho, nenhum personagem do autor aparece.

Supostamente ambientada na mata (do Jotalhão e companhia), mostra uma formiga menestrel que provoca a ira das formigas-soldados e mostra-se muito sintonizada com a própria época em que foi publicada. Afinal, o Brasil passava pela ditadura. Por isso, a história tem lugar cativo no coração dos leitores tanto pelo seu lado lúdico, quanto pela crítica política e social.

Ela teve uma versão anterior, publicada em tiras seriadas na *Ilustrada*, a partir de 25 de agosto de 1967. Os personagens tinham traços mais rudes e pontudos, bem no estilo mauriciano.

Curiosidades: na quarta página, a formiga canta *Amélia*, música de grande sucesso na época, composta por Mário Lago e Ataulfo Alves. E, perto do final, fala "esta noite se improvisa", que era o nome de um famoso programa da época, na TV Record, comandado por Blota Jr. Nele, artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Chico Buarque tentavam adivinhar músicas nas quais determinadas palavras ou frases estavam inseridas.

As duas últimas historinhas da edição mostram o Cebolinha utilizando a chuva a seu favor. Numa delas, acaba sobrando pro Cascão. Mas a do banho é uma adaptação de outra já publicada na revista do *Bidu* 2, da Continental, em 1960. A diferença está no protagonista, que originalmente era o Franjinha.

Esta edição apresentou aos fãs uma propaganda clássica: a dos bonecos Mônica, Jotalhão e Cebolinha (de camisa amarela e calção vermelho), produzidos pela Trol. Um pequeno problema acontecia com este último: seu cabelo se desprendia facilmente. Por isso, encontrar hoje o brinquedo com seus famosos fios na cabeça é bem difícil.

Mônica # 19 (novembro de 1971)

A capa desta edição, além de trazer uma cena surreal com Mônica e Magali, estranhamente apresenta as duas com roupas diferentes das habituais. Este número tem outra peculiaridade: há várias histórias longas em que a dona do gibi aparece pouco.

O Anjinho é a estrela da história de abertura. Até então, ele agia como mais uma criança ali do bairro, participando das brincadeiras e zoando a Mônica. Mas foi nesta edição que fez sua estreia oficial como anjo da guarda da Turminha.

Vale dizer que o Anjinho sempre foi uma "entidade espiritual", não um menino que morreu e foi para o céu. Aliás, no final da sequência de tiras que marcou sua estreia, em 1964, ele chega a se despedir do Cebolinha (veja acima). Só que mais tarde seria incorporado à Turma por Mauricio.

A aventura traz ainda um misterioso *hippie*, que, no final, acaba botando suas asinhas de fora. Quem era ele? Ninguém sabe. Talvez o Anjinho também tenha o seu próprio anjo da guarda.

O dinossauro que contracena com o Horácio nesta edição não tem seu nome citado, mas possivelmente tenha sido o "protótipo" do Estego, personagem que mais tarde passaria a ser um dos grandes amigos do nosso comedor de alfaces, mas com formas bem mais arredondadas.

A história saiu originalmente em dois taloides da *Folhinha de S.Paulo*, em 5 e 12 de dezembro de 1965. Compare na imagem a diferença do traço e das cores nas duas versões.

Mauricio Orgulhosamente Apresenta: Bidu e Franjinha – Sem um título "oficial", aqui começa uma nova saga na revista da Mônica. O pequeno cientista e seu cão azul estreiam uma série em que contracenam com a Turminha através do tempo. No melhor estilo de alguns quadrinhos de grandes aventuras da época, como *Asterix*, neste número eles estão no antigo Egito.

O Franjinha faz as vezes de um escultor que cai nas mãos de um sumo-sacerdote com más intenções, que o utiliza para construir um templo. Com a participação de Titi e Cebolinha, abre caminho para um novo estilo de roteiro, que duraria algumas edições.

Assim, Franjinha e Bidu se juntariam a Astronauta, Piteco e Horácio na tradição de roteiros mais adultos, baseados em fatos.

Uma curiosidade: os pés do Cebolinha, Franjinha e companhia são desenhados sem dedos, que é característica dos outros personagens, mas não deles.

Apesar da novidade, esta história é, na verdade, parte de uma saga que aconteceu nas tiras da *Folha de S.Paulo*, entre setembro de 1960 e abril de 1963.

Estranhou o intervalo grande? É que, durante a publicação, Mauricio saiu do jornal. Isso foi entre julho de 1961 e fevereiro de 1962.

Nesta saga, Franjinha e Bidu revisitam várias épocas da civilização em quatro histórias distintas. *A amizade através dos tempos* contava as peripécias de um menino e seu cão, com participações especiais de outros personagens. Aqui, separamos imagens do início de cada aventura: Idade da Pedra, Antigo Egito, Grécia e Roma.

Com mais uma junção de palavras no título, no melhor estilo Mauricio, Mônica resolve soltar a voz. Era a época dos exageros, e isso acaba provocando consequências inimagináveis. Reparou que esta foi a primeira história da dentucinha nesta edição?

Sobre a cantoria, algo semelhante aconteceu ao Jotalhão, quando ele se pôs a cantar num tabloide publicado em 1966.

Diretamente das antigas páginas do *Diário de S. Paulo*, Mauricio apresenta uma história do Astronauta enfrentando uma monstruosa criatura de "piche", cuja origem poderia facilmente estar em seriados japoneses ou filmes de ficção científica daqueles tempos. O tal professor Quincas, seu filho e a misteriosa ilha onde viviam não mais voltaram a aparecer.

Com roteiros mais elaborados e arte-final cuidadosa, as aventuras do Astronauta passaram, na época, a ser curtidas pelos pais que compravam os gibis para os filhos. E a primeira versão da história, em tiras, já tinha uma bela arte.

Baseada nas *gags* e piadas entre Cebolinha e Cascão, a história curta dos dois ganha o reforço da Mônica só no final. E, na revista de 1971, ela aparece com os cabelos pintados com a mesma cor da sua pele. Vale como curiosidade, pois o erro foi corrigido nesta republicação.

Embora Cebolinha apareça pintando um quadro, na década de 1960 o artista mirim da turma era o garoto Leonardo. Mais tarde, nos anos 1990, esse posto passou a ser ocupado pela Marina.

Décadas separam a criação dos dois personagens, porém, em uma rara ocasião, eles foram vistos juntos na comemoração dos 60 anos da **MSP**.

Cafuné, com seu jeito atrapalhado, até tenta dar uma aula sobre termos indígenas, como Ita, Iraci e Maloca. O problema fica mesmo na interpretação do nome do Papa-Capim.

Na verdade, o personagem foi batizado com o nome de um passarinho muito visto pelo Mauricio em sua infância, e bastante comum em toda a região central do Brasil.

Veja à esquerda o original desta história, feito para os jornais, e como a disposição dos quadros mudou na revista.

O Papa-Capim alcançou fama naquela época, a ponto de ganhar um boneco pela Trol e aparecer em outros produtos licenciados.

Em *Salto, alto!*, Mônica tenta aprender a usar sapatos com a ajuda de uma menos esfomeada e mais compenetrada Magali. O final, devido à colorização da época, ficou muito sutil. Leva-se um tempinho para entender que os cabos de vassouras substituem os saltos.

Pouco antes, em uma tira publicada na *Ilustrada* em 17 de fevereiro de 1971, Mônica arruma um jeito bem peculiar de se equilibrar ao andar de salto.

Um negócio refrescante fecha a revista e é um exemplo de algo muito comum na época: ver a Turminha montando barraquinhas para vender refrescos. É uma situação que traz o gostinho daqueles tempos, mas que foi revisitada tempos depois. Como na *Graphic MSP Cebolinha – Recuperação*, de Gustavo Borges, publicada pela Panini em 2018.

Mônica # 20 (dezembro de 1971)

Pela segunda vez, os personagens estrelavam um especial de Natal, com direito ao Jotalhão servindo de árvore, na capa. A história de abertura conta com a participação de quase toda a Turma. O bairro do Limoeiro recebe a visita de um estranho viajante. E não é mostrado como a nave espacial chegou à Terra. Assim, já começa com o extraterrestre espionando pela janela.

Uma história de natal foi escrita por Mauricio de Sousa e o final demonstra o verdadeiro espírito de Natal, mesmo com a dificuldade de compreensão do pequeno alienígena. Um clássico da *Turma da Mônica*!

Esta aventura foi contada pela primeira vez seis anos antes, na *Folhinha*, em dezembro de 1965. Para a sua versão em gibi, o roteiro foi redesenhado.

Não é à toa que o Raposão está tão injuriado nesta edição. Afinal, "cheiro de raposa", em alguns países, é tão pejorativo como "cheiro de gambá". A expressão é usada até na fabricação de vinhos, para desqualificar o produto.

54 · MONÃO

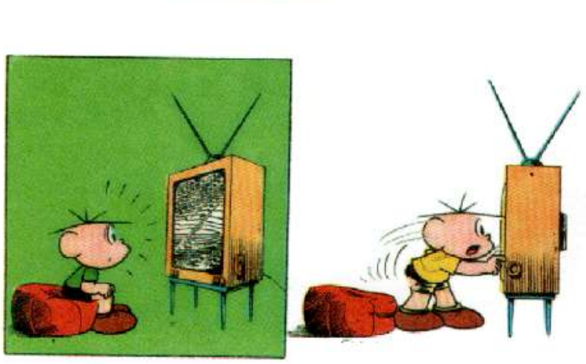
Nesta história, surge um novo personagem, o Monão, derivado de "mono", ou um macaco grande. Meio orangotango, meio abominável homem das cavernas, ele é temido por toda a Turma da Mata, por viver tão enclausurado e envolto em mistérios.

Com ideologia e trajes dos antigos druidas, Monão apareceu outras vezes, inclusive nos álbuns de figurinhas da época e nas tiras, como nestas, de 1973, em que tenta ajudar Rita Najura a conquistar o Jotalhão.

Uma característica gráfica da época é bem presente nesta história: muitas vezes, os personagens eram pintados de uma cor só. Se para poupar tempo ou por estilo mesmo, não se sabe. Mas hoje seria estranho ver um Coelho Caolho completamente azul ou um Raposão todo amarelo.

O Cebolinha estrela *T.V.* (assim mesmo, com pontos após as letras). Com poucas páginas, mas cheias de *gags*, histórias como esta foram os embriões das tramas sem texto (algumas até longas) que apareceriam anos depois.

Como era comum na época, nesta edição também aconteceu um erro de colorização: o Cebolinha, de um quadro para o outro, tem sua camisa mudada de verde para amarelo.



E se o assunto é o eletrodoméstico mais presente nos lares brasileiros, não tem como não falar do Teveluisão. O personagem surgiu como uma brincadeira, um trocadilho com a palavra televisão.

Como aconteceu com tantas criações de Mauricio, o nome surgiu antes do personagem. A brincadeira estava feita, Teveluisão passou a ser o garoto fanático por televisão.

Ele surgiu de mansinho, fazendo dupla com Zé Luís, como um garoto da mesma idade, nesta tira publicada em 1963.

Já no ano seguinte, sua paixão pela programação de televisão já estava bem consolidada nas histórias.

Suas piadas eram feitas sempre em cima da tecnologia da época, com antenas, fantasmas e riscos horizontais. Quando não, ele lançava algum comentário sobre programas de tevê. Curiosamente, nesta página ele é chamado, no título, de Teveluizão, com "z".

O garoto fez tanto sucesso nos anos 1960, que chegou a ganhar tiras próprias na revista *Intervalo*, da Abril, direcionada à programação de tevê.

Esse espaço durou só alguns meses. Com o tempo seu perfil se tornou limitado demais e o personagem perdeu relevância.

Teveluisão ainda aparece esporadicamente nas histórias da Turma, mas, claro, seguindo as devidas atualizações, com os aparelhos de tela plana e as modernas *smart* tevês.

Esta edição traz uma das mais complexas histórias do Astronauta, pois o texto se baseia puramente no diálogo entre o herói espacial e uma planta gigante. Muito antes de se falar em ecologia, reflorestamento ou "salvar o planeta Terra", Mauricio adianta ao leitor um alerta do que viríamos a enfrentar mais à frente.

Vale lembrar que o gibi saiu em 1971, época da construção da estrada Transamazônica.

Não se sabe exatamente quem é vilão ou herói na história. Cada um tem o seu ponto de vista. Por mais obstinado que seja o pensamento da planta e por mais drástica que tenha sido a atitude do Astronauta, a sensação que fica é de fim de jogo... E fica a pergunta inevitável: quem venceu, o homem ou a natureza?

Esta aventura já havia sido publicada anteriormente em tiras de jornais, mas sofreu algumas modificações nesta adaptação. A mais evidente é no início, quando a semente é mostrada com pernas e escapa de alguns perigos, como o ataque de um gato curioso.

Demorou, mas chegou. Foi somente na 20ª edição de *Mônica* que Chico Bento fez sua estreia nos gibis. Ele tinha pouco destaque nas revistas. Levaria alguns anos para que adquirisse a fama que tem atualmente.

Nessas raras participações, suas histórias tinham meras duas ou três páginas e ele ainda não falava o tradicional "caipirês", tão comum nos gibis há anos. Talvez pelas críticas que pudesse receber dos educadores de então, Mauricio esperaria alguns anos para que o Chico assumisse o seu jeito de se comunicar. Foi o tempo suficiente para o menino ganhar força e conquistar os leitores.

Vale lembrar que o Chico Bento, no começo, era um coadjuvante de Hiroshi e Zezinho, ou, como conhecemos hoje, Hiro e Zé da Roça, que tinham suas aventuras publicadas na revista *Coopercotia*. Esta página, por exemplo, é da edição de maio de 1963.

Na época em que o Bidu se comportava somente como um cachorro, surgiu *O cão de pelúcia*. Escrita por Mauricio de Sousa, em tiras publicadas na *Ilustrada* em dezembro de 1966, ela foi adaptada para o gibi.

E a história tem várias curiosidades. A primeira é o fato de os nomes do Franjinha e do Bidu não aparecerem próximos ao título, como era comum. Além disso, o "vilão" chama-se Timóteo, que mais tarde viria a ser o nome do dentucinho Titi. Por fim, esta é também uma das primeiras vezes em que o Bidu "pensa", age e toma decisões como um ser humano.

Aliás, é do Bidu a grande mensagem da história: o seu próprio sacrifício em prol da bondade. Um grande final para este gibi especial de Natal.

Nas suas tiras e tabloides, Mauricio sempre adorou usar metalinguagem, mas nos gibis a história do Cascão é uma das primeiras a "quebrar a quarta parede", quando ele explica por que suas sujeirinhas sumiram do rosto.

Em 1964, numa tira publicada na *Ilustrada*, aconteceu mais um exemplo disso, desta vez usando o Cascão e o Cebolinha.

Esta edição apresentou duas propagandas de produtos com os personagens de Mauricio de Sousa: a já mostrada dos bonecos Mônica, Jotalhão e Cebolinha, da Trol, e a do LP *A Bandinha da Turma da Mônica*, lançado pela Fermata, e que trazia 12 canções com suas partituras.

Hoje, esse disco, que tem as músicas dos principais personagens daquela época (Mônica, Bidu, Horácio, Cebolinha, Cascão, Magali, Tina, Chico Bento, Jotalhão, Astronauta, Piteco e Anjinho) é uma raridade!

As músicas foram compostas por Odmar Amaral Gurgel e Mauricio de Sousa, com colaboração de Wilma Camargo. O arranjo e a regência são de Hector Lagna Fietta.

As vozes dos personagens foram feitas por atores que dublavam a Turminha.

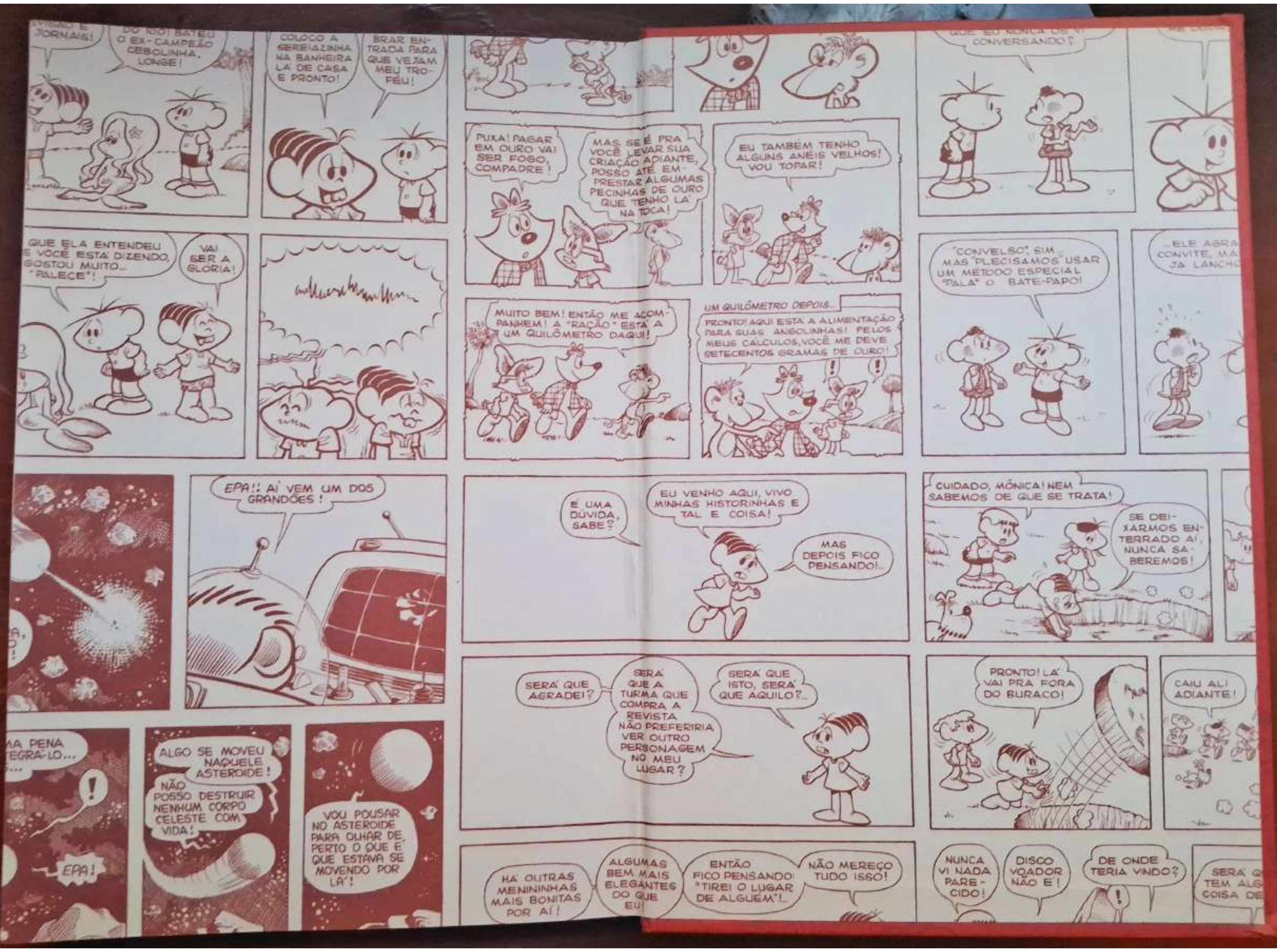
Pouco antes dele, foi lançado, também pela Fermata, um compacto duplo com as músicas da Mônica, Cascão, Chico Bento e Bidu. Além disso, foram comercializadas partituras individuais de todos os personagens.

VOLUMES DA COLEÇÃO

Mônica – Vol. 1: 1970
Mônica – Vol. 2: 1971

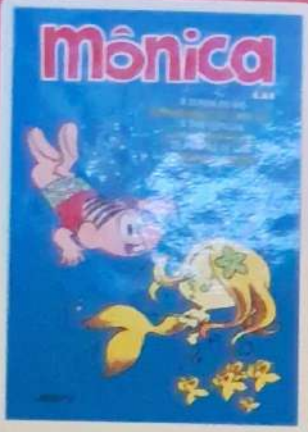
PRÓXIMOS VOLUMES

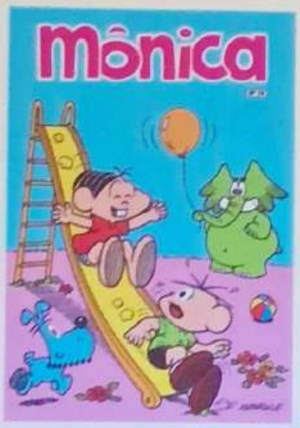
Mônica – Vol. 3: 1972
Mônica – Vol. 4: 1973

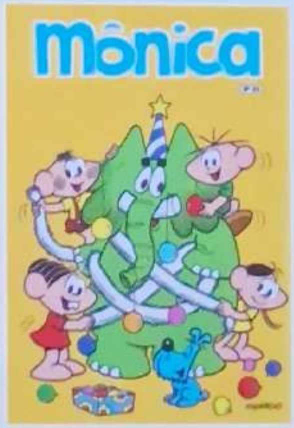


COLOCO A SEREIAZINHA NA BANHEIRA LÁ DE CASA E PRONTO!
QUE EU NUNCA OS VI CONVERSANDO!
PUXA! PAGAR EM OURO VAI SER FOGO, COMPADRE!
MAS, SE É PRA VOCÊ LEVAR SUA CRIAÇÃO ADIANTE, POSSO ATÉ EM-PRESTAR ALGUMAS PECINHAS DE OURO QUE TENHO LÁ NA TOCA!
EU TAMBÉM TENHO ALGUNS ANÉIS VELHOS! VOU TOPAR!
VAI SER A GLÓRIA!
MUITO BEM! ENTÃO ME ACOM-PANHEM! A "RAÇÃO" ESTÁ A UM QUILÔMETRO DAQUI!
UM QUILÔMETRO DEPOIS...
PRONTO! AQUI ESTÁ A ALIMENTAÇÃO PARA SUAS ANGOLINHAS! PELOS MEUS CÁLCULOS, VOCÊ ME DEVE SETECENTOS GRAMAS DE OURO!
"CONVELSO", SIM... MAS "PLECISAMOS" USAR UM MÉTODO ESPECIAL "PALA" O BATE-PAPO!
EPA!! AÍ VEM UM DOS GRANDÕES!
É UMA DÚVIDA, SABE?
EU VENHO AQUI, VIVO MINHAS HISTORINHAS E TAL E COISA!
MAS DEPOIS FICO PENSANDO!..
CUIDADO, MÔNICA! NEM SABEMOS DE QUE SE TRATA!
SE DEI-XARMOS EN-TERRADO AÍ, NUNCA SA-BEREMOS!
ALGO SE MOVEU NAQUELE ASTERÓIDE!
NÃO POSSO DESTRUIR NENHUM CORPO CELESTE COM VIDA!
EPA!
VOU POUSAR NO ASTERÓIDE PARA OLHAR DE PERTO O QUE É QUE ESTAVA SE MOVENDO POR LÁ!
SERÁ QUE AGRADEI?
SERÁ QUE A TURMA QUE COMPRA A REVISTA NÃO PREFERIRIA VER OUTRO PERSONAGEM NO MEU LUGAR?
SERÁ QUE ISTO, SERÁ QUE AQUILO?..
PRONTO! LÁ VAI PRA FORA DO BURACO!
CAIU ALI ADIANTE!
HÁ OUTRAS MENININHAS MAIS BONITAS POR AÍ!
ALGUMAS BEM MAIS ELEGANTES DO QUE EU!
ENTÃO FICO PENSANDO! "TIREI O LUGAR DE ALGUÉM"!..
NÃO MEREÇO TUDO ISSO!
NUNCA VI NADA PARE-CIDO!
DISCO VOADOR NÃO É!
DE ONDE TERIA VINDO?

Biblioteca Mauricio de Sousa



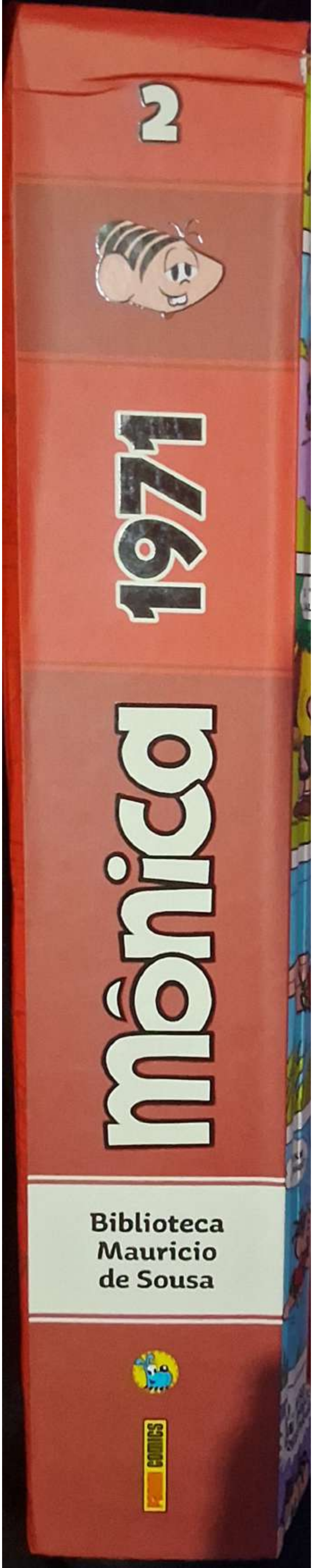




Mauricio de Sousa Editora
Panini Comics

ISBN 978-65-259-0329-3
9 786525 903293
ACHTM002R

Aconselhável para maiores de 14 anos


2
1971
mônica
Biblioteca
Mauricio
de Sousa
PANINI COMICS